

DANILO MARQUI DE QUEIROZ

**MATERIALIDADE ESTÉTICA À LUZ DO
CIENTIFICISMO LITERÁRIO: UMA ANÁLISE DO
POEMA *MONÓLOGO DE UMA SOMBRA* DE
AUGUSTO DOS ANJOS**

CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM LITERATURA
COGEAE
PUC-SP

SÃO PAULO
2011

DANILO MARQUI DE QUEIROZ

MATERIALIDADE ESTÉTICA À LUZ DO CIENTIFICISMO LITERÁRIO: UMA
ANÁLISE DO POEMA *MONÓLOGO DE UMA SOMBRA* DE AUGUSTO DOS
ANJOS

Monografia de conclusão do Curso de Especialização em
Literatura da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
(Cogeae) sob a orientação do Prof. Erson Oliveira

SÃO PAULO
2011

À minha família.

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais, Sebastião e Isabel, por toda a ajuda e por todo o apoio que me tem dado, não apenas na vida acadêmica, mas em todos os âmbitos da vida.

Ao professor Erson pela sabia orientação que deu ao projeto.

À minha amiga Thaísa, por toda a força e encorajamento sem os quais este trabalho não estaria completo.

Aos amigos Igor, Emmanuel, Jackson, por todo o companheirismo e incentivo.

A todos que, de maneira direta ou indireta, contribuíram para a realização dos meus planos.

RESUMO

O presente trabalho visa analisar o a materialidade estética na poesia de Augusto dos Anjos, tomando como objeto de análise o poema *Monólogo de uma sombra*.

Os principais objetivos deste trabalho é verificar, principalmente, o processo poético de assimilação literário do cientificismo na poética de Augusto dos Anjos, bem como analisar de maneira a materialidade científica gera valores estéticos e como a fisicalidade com a qual as imagens são construídas contribuem para a criação do grotesco no texto. No decorrer da análise contata-se que há uma relação entre esses objetivos, uma vez que, ao analisar-se o texto, verifica-se que é justamente a fisicalidade das imagens que propiciam a criação do grotesco, e que é através da materialidade e terminologia científica, atrelada aos recursos de uma linguagem poética, que os valores estéticos são modelados. O próprio tom grotesco do texto, que, faça-se uma nota, não o torna menos aprazível, nasce da linguagem científica crua das imagens, que por sua vez, são desprovidas de qualquer adereço eufemístico.

Para a realização deste trabalho os principais teóricos pesquisados foram: Magalhães Junior, que oferece um vasto acervo de informações biográficas a respeito de Augusto dos Anjos; Nicolau Sevcenko, com seus estudos sobre o contexto histórico da Primeira República em que escreva o poeta; Haeckel, Leibniz, August Comte, Hipolyte Tine entre outros teóricos cujos estudos científico-filosóficos auxiliaram a parte da pesquisa referente ao cientificismo, e outros serviram de apoio às reflexões realizadas do decorrer do trabalho.

Palavras-chave: Augusto dos Anjos, cientificismo, materialidade estética, grotesco.

“Gozo o prazer, que os anos não carcomem,

De haver trocado a minha forma de homem

Pela imortalidade das Idéias!”

Augusto dos Anjos

SUMÁRIO

Introdução	8
1. As singularidades da poesia de Augusto dos Anjos	
1.1 Pairando no <i>Eu</i>	10
1.2 A <i>Avant-garde</i> científica.....	14
1.3 Entre a ciência e a poesia: uma particularidade universal.	18
2. As determinações históricas da poesia de Augusto dos Anjos	
2.1 Regenerações X Degeneração: as transformações sociais da <i>Belle</i> <i>Époque</i>	27
2.2 As rupturas literárias	34
2.3 Aspectos biográficos de Augusto dos Anjos.....	39
3. Análise de <i>Monólogo de uma Sombra</i>	
3.1 A sombra da humanidade.....	52
Conclusões finais	71
Referências bibliográficas	73
Anexo	76

INTRODUÇÃO

O presente trabalho visa analisar a materialidade estética na poesia augustiana. Para tanto, toma-se como objeto de análise o poema *Monólogo de uma sombra*, poema de abertura da única obra de Augusto dos Anjos: *Eu*. Visando averiguar de que maneira o poeta assimila o cientificismo transformando-o em poesia, o trabalho discorrerá sobre os elementos circundantes desse cientificismo poético, tais como, a terminologia biológica empregada no texto; o imaginário grotesco oriundo das fisicalidade das imagens, as sensações e emoções estéticas geradas por essa união entre ciência e poesia.

A primeira parte do trabalho intitulado *As singularidades da poesia de Augusto dos Anjos*, verificará a obra de dos Anjos como um todo, explanando sobre as singularidades próprias a sua poética. O primeiro subcapítulo discorrerá sobre os elementos mais diversos que compõe a poética augustiana, nos seus mais diferentes âmbitos, tais como, o cientificismo, as manifestações espiritualísticas como o Budismo, Cristianismo e o Hinduismo presentes em certos poemas, a temática peculiar do poeta, suas influências literárias e a linguagem utilizada na obra como um todo, sem analisar especificamente um texto, mas usando como exemplo trechos de diferentes poemas e escrutando-os independentemente. Ainda nessa primeira parte, no subcapítulo intitulado *A 'avant-garde' científica*, procura-se averiguar o início da produção poética científica no Brasil, abordando a *Escola de Recife*, cujos integrantes produziram as primeiras manifestações de poesia científica, sua influência sobre Augusto dos Anjos, e seu impacto na sociedade brasileira da época, verificando também os pontos convergentes e divergentes entre esses escritores e Augusto dos Anjos. No último subcapítulo desta primeira parte, procura-se apurar os principais elementos que constituem as influências científicas na poesia de dos Anjos e explicá-las e evidenciá-las nos poemas, relacionando-as com o conteúdo e a temática dos mesmos. Para tanto, far-se-á necessário tornar inteligível as teorias em questão, e explanar sobre seus criadores e teóricos.

Na segunda parte do trabalho, cujo título é *As determinações históricas da poesia de Augusto dos Anjos*, explora-se os fatores externos que circundam a

obra de dos Anjos, o contexto histórico-político, biográfico e literário. No primeiro subitem desta parte, intitulado *Regeneração X Degeneração: as transformações sociais da 'Belle Époque'*, faz-se um panorama em torno do contexto histórico em que Augusto dos Anjos escreveu, evidenciando as transformações sociais na então capital do país, o Rio de Janeiro, a influência europeia sobre a cidade, a cultura e a literatura do período. O segundo subitem deste capítulo, intitulado *As rupturas literárias* visa analisar o contexto literário da poética augustiana, explanando sobre escritores contemporâneos à dos Anjos, apurando as expressões literárias vigentes, tais como Simbolismo, Parnasianismo além de escritores considerados pré-modernos que escreveram neste mesmo período, verificando as semelhanças e diferenças entre esses escritores e Augusto dos Anjos, seja na temática ou na linguagem. O terceiro subitem deste capítulo: *Aspectos biográficos de Augusto dos Anjos* aborda a biografia do poeta, desde a infância na Paraíba a sua morte em Minas Gerais, ressaltando passagens relevantes de sua vida, como os primeiros versos, os estudos acadêmicos, suas escolhas profissionais e pessoais, a publicação e repercussão de sua obra, relacionando passagens da vida do poeta com seus poemas através de poemas ainda pouco conhecidos de sua obra.

Na terceira e última parte faz-se a análise do poema *Monólogo de uma Sombra*, no qual se evidencia caracteres artísticos e científicos, abarcando seus planos de expressão e conteúdo, interpretando-o e analisando-o, revelando a materialidade estética intrínseca sob a luz do cientificismo literário.

Em suma, este trabalho procura abarcar diversas informações acerca não só do poeta, mas de sua obra como um todo, explanado desde suas raízes históricas e biográficas à sua expressão e singularidade poéticas, intentando mostrar como, ainda hoje, a poesia deste poeta único tem grande valor e beleza.

1. AS SINGULARIDADES DA POESIA DE AUGUSTO DOS ANJOS

1.1 PAIRANDO NO *EU*

Ao se ler e estudar a poesia de Augusto dos Anjos a primeira característica que salta aos olhos é o vocabulário científico-filosófico presente em quase todos os seus versos. A quantidade de referência à filósofos e cientificistas, assim como a quantidade inferências à teses e teorias são abundantes em toda poética augustiana, o que causa uma sensação de estranheza naquele que deita os olhos pela primeira vez em seus versos. Por isso, para que se tenha uma compreensão mais ampla da poética do *Eu*, é imprescindível que se faça uma explanação acerca desse conteúdo científico.

Vale ressaltar, porém, que o cientificismo não uma força onipotente e onipresente na poética augustiana, como acreditam (ou querem acreditar) alguns, há nos versos do *Eu* referências diversas que vão desde Shakespeare, poeta da renascença, à Spencer, cientista do séc. XIX; desde o nirvana budista à Dante Alighieri, poeta do séc. XVI; desde a filosofia da dor de Shopenhauer ao positivismo de Comte, e, de fato, explanar acerca de cada uma dessas influências em particular, ainda que de forma breve, seria trabalho deveras extenso, que não caberiam neste trabalho.

Há temas interessantes que carecem de estudos, como a presença espiritualística que há, ainda que de forma breve, no *Eu*. Quando se pensa em Augusto dos Anjos as imagens que saltam à mente são de carnes putrefactas, vermes e cadáveres intumescidos, sentimentos decadentes de medo, melancolia e horror, contudo, há em alguns de seus poemas, como em *Budismo moderno*, *Meu nirvana*, *Monólogo de uma sombra*, entre outros, que serão apresentados aqui, porém de forma muito breve e simples, um caráter mais espiritualístico.

Obviamente, o modo como dos Anjos entendia o espírito e a espiritualidade não era categoricamente ligada à qualquer religião, pois sempre que toca numa questão metafísica, ela não abordada segundo um prisma religioso, o que há em agosto dos Anjos é um desejo de abarcar o todo da complexidade humana, na

sua maior abrangência, e, para ele, mesmo a ciência, unicamente, apesar de desvendar muitos dos mistérios da vida, não daria conta de tudo. José Escobar (1984), num estudo intitulado *A poesia científica de Augusto dos Anjos*, ao pensar no contraste entre matéria e espírito presente na obra, afirma que dos Anjos,

...sem que percebesse, era um dualista com simpatias pelo monismo, nada mais, e a ciência confundindo-lhe o espírito menos científico que órfico. Mas não diríamos Augusto litúrgico e dogmático, e sim um órfico aberto aos planos espirituais. (ESCOBAR, 1973, p.272)

Pode-se notar essa abertura para os planos espirituais em poemas como *Gemidos de arte*, em que se lê “Mas a carne é que é humana! A alma é divina.”¹ p.88 ou ainda, no mesmo poema, “E vem-me como que um desprezo por tudo isto/ Uma vontade absurda de ser Cristo/ Para sacrificar-me pelos homens!” p. 89 ou mesmo em *Monólogo de uma sombra*, em que se lê: “Ah! Dentro de toda alma existe a prova/ De que a dor como um dardo se renova,” p. 35 e também em *Viagem de um vencido*, em que se observa várias referências e inferências espiritualísticas e religiosas, como no verso “Cria ouvir, a escalar Céus e apogeus,/ A voz cavernossíssima de Deus.” p.164 em que se tem uma referência ao deus cristão, ou ainda em “Restava apenas na minha alma bruta/ (...) Uma volicional fome interior/ De renúncia budística absoluta!” p.164 onde se percebe a referência ao budismo, ou ainda nos versos “Quem sabe Deus, Jeová ou Siva/ Oculta à tua força cognitiva/ fenomenalidades que hão de vir,”p.162 em que vê-se referências ao Deus cristão, evangélico e hindu.

O próprio Augusto dos Anjos, em vida, era visto em igrejas, missas, rezava e tinha uma vida religiosa, contudo, há de se separar o poeta do homem, é evidente que a força esmagadoramente predominante em sua poesia é a do cientificismo, da matéria, da visão anatômica da vida, e se há este aspecto religioso em alguns de seus poemas não é outra coisa senão um reflexo da obsessão do poeta de tentar compreender um homem como um todo, nas suas mais profundas particularidades e contrastes. Conforme Manuel Bandeira, (1973)

¹ Todas as citações referentes aos poemas de Augusto dos Anjos pertencem ao livro *Eu e outras poesias*, da editora Martim Claret, 2005. SP. Sendo indicado no corpo do trabalho, portanto, apenas a página referente à citação.

Acreditava em deus? Acreditava e rezava as preces católicas. Mas na sua poesia a concepção do universo não é ortodoxa, tem algo de maniqueísta, opondo ao mundo do espírito, ao mundo de Deus, o mundo da matéria, evoluído segundo a teoria darwinista, o mundo da 'força cósmica furiosa'. A consciência poética desse duelo terrível é que alimentava a angústia metafísica de Augusto dos Anjos e o fazia delirar em 'cismas patológicas insanas'. A suas aspirações suprema seria dominar todos os contrastes, resolve-los na unidade do Grande Todo, que sonhou culminar com a onipotência da divindade. p.169

Entende-se assim uma questão vital para a compreensão da poesia de dos Anjos: mais do que explorar uma temática grotesca, ou escrutar a linguagem científica, ou desmistificar premissas religiosas, o que há na poesia de dos Anjos é um desejo obsessivo de entender os contrastes, de abarcar as extremidades opostas que formam o caráter humano, de compreender a complexidade da vida na sua forma mais abrangente, pois, como é dito no soneto *Contrastes*, há na existências humanas "Uma feição humana e a outra divina" (p. 86) e ambas são faces de um mesmo homem.

A antítese do novo e do obsoleto,
O Amor e a Paz, o ódio e a carnificina,
O que o homem ama e o que o homem abomina,
Tudo convém para o homem ser completo! p.86

No que se refere aos elementos cientificistas que compõe a obra, vale fazer um breve panorama contexto, para que se tenha um conhecimento do que foi o cientificismo à época de agosto.

Nos fins do séc. XIX a ciência expandira consideravelmente, não só aumentara o número de pensadores cientificistas como suas teorias passaram a atuar também em outras áreas do conhecimento humano, como a filosofia e a literatura. O positivismo de Comte imperava na mente dos intelectuais da época, teorias como o Evolucionismo de Darwin, o Determinismo de Hipolyte Tine, o Monismo de Haeckel contribuíram para a propagação do pensamento científico.

O Positivismo, teoria criada pelo Francês August Comte, apregoa que a humanidade estaria entrando na terceira etapa na escala da evolução do pensamento. A primeira teria sido a mitológica, a segunda a teológica e a terceira

a científica. Assim sendo, qualquer artista ou pensador que quisesse ser digno de seu tempo, segundo esse princípio, teria de aderir ao positivismo.

A poesia de Augusto abarca todo esse pensamento científico e o aplica na criação da linguagem poética. Vê-se nos versos de Augusto uma poesia singular, diferenciada das demais, não apenas pelo uso de teorias científicas, tão pouco porque usa vocabulário positivista, pois isso não era nenhuma novidade à época de Augusto, outros poetas e filósofos, seus contemporâneos, um grupo que intitulou-se *A escola de Recife*, já havia tentado fundar uma espécie de vanguarda da poesia científica, como será visto mais adiante, porém, faltava-lhes o teor estético, a verve intrínseca dos bons poemas. O que dá singularidade à poesia de Augusto é o modo como ele assimila esse cientificismo transformando-o em estética literária, atribuindo imagens e significados poéticos, trazendo à superfície do texto a fisicalidade da morte, recantos obscuros da consciência humana, a dor e a mágoa de existir, analisar essa assimilação é a premissa principal deste trabalho.

1.2 A AVANT-GARDE CIENTÍFICA

Nas últimas décadas do século XIX formava-se um movimento cultural de ampla repercussão em Recife. Estudantes e intelectuais de diversas áreas do conhecimento, que freqüentavam a então chamada Faculdade de Direito de Recife (em que estudou também Augusto) encontravam-se para discutir as correntes artísticas, filosóficas e científicas desse período. Desta fermentação cultural é que surgiu a *Escola de Recife*. Em suma, a Escola de Recife foi um grupo formado por intelectuais que tinham como objetivo discutir e divulgar tendências artístico-filosófica da época, procurando assim atualizar os artistas e pensadores de então, colocando-os no mesmo patamar que os artistas europeus, por exemplo, que já faziam literatura científica. Tendo como fundadores Tobias Barreto, Sílvio Romero, Martins Junior entre outros, a Escola de Recife abriu espaço para as discussões culturais, semelhante às vanguardas do século XX, adquiriu uma postura extremamente inovadora e revolucionária, pois a principal preocupação de seus fundadores era compor uma arte que fosse realmente nova e que acompanhasse o ritmo e as mudanças do mundo.

Sabe-se, como já foi dito, que o estado positivo imperava no ambiente, e que o crescente pensamento cientificista era item obrigatório na pauta de qualquer discussão, os integrantes da Escola de Recife especulavam sua presença além dos âmbitos culturais nos âmbitos existencial, sociológico e até jurídico. Flávio Sátiro Fernandes, num discurso proferido na celebração do centenário do nascimento de Augusto,² afirma que a escola teve primitivamente três fases: a poética, a crítico-filosófica e a jurídica. Dentre essas três dar-se-á aqui mais atenção a primeira por conta da relevância desta no que diz respeito à poética augustiana, como será visto.

As primeiras manifestações de poesia-científica datam de 1862, conforme Fernandes, e foram escritas por Tobias Barreto, que é, de certo modo, o

² Todas as citações referentes ao discurso de Sátiro foram retiradas do site: <http://www.revista.agulha.nom.br/satiro01.html> sendo indicado aqui apenas o número da página do discurso.

precursor deste tipo de poesia no Brasil. Em seu poema *Epicurismo* defende sua visão de poesia.

Se as crenças são de engodo,
Se falha o verbo da fé,
Se o homem se acaba todo
Com a matéria que ele é,
Se o coração nada aspira,
Se este bater é mentiroso,
Se além não há desfrutar,
Da vida a idéia suprema,
O grande, o sábio problema
É viver muito e gozar... p. 3

Ainda que de maneira tênue, percebe-se no poema de Barretos a problemática que mais instigava os artistas de então: se a ciência prova a inexistência da alma, de que vale a vida e o que deve-se fazer com ela? Tobias expõe no poema sua revolta contra as crenças e a fé, afirmando que “o sábio problema é viver muito e gozar.” p. 3

Além de Tobias Barreto outros como Sílvio Romero e Martins Junior foram precursores e defensores assíduos da poesia-científica, conforme afirma Fernandes:

São assim, Tobias e Sílvio Romero precursores da chamada poesia filosófico-científica, que vai ter, ainda, na Escola de Recife, um teorizador e praticante apaixonado, na pessoa de Martins Junior... p. 5

A presença de Martins Junior foi de extrema importância para a Escola de Recife, pois foi ele quem teorizou e propagou as idéias da poesia científico-filosófica, publicando poesias e opúsculos sobre o tema. Chegou mesmo a publicar um livro sobre o assunto, intitulado *A poesia científica – esboço de um*

livro futuro (1883) contendo um prefácio que discute o assunto e uma série de poemas que exemplificam o movimento defendido pelo poeta.

Seu prefácio pode ser lido como uma espécie de manifesto da poesia científica, tamanho é o entusiasmo com que a defendia:

Os nossos literatos e poetas que hoje impugnam a poesia científica, ou têm de se sujeitar a ela dentro em pouco ou tem de desaparecer da liça. A lei da seleção permite que fiquem no campo apenas os mais fortes, (...) A arte hoje, creio, se quiser ser digna de seu tempo (...) deve ir procurar as suas fontes de inspirações na Ciência (...) mas vestindo sempre os seus ideais com as roupagens iriadas das faculdades imaginativas, e nunca deixando de obedecer à emoções poética que da nascimento à obra de arte. p. 7

Em seu livro de poemas *Visões de hoje*, encontra-se os seguintes versos (incrivelmente semelhantes aos de Augusto dos Anjos):

Buscando demonstrar pela transformação
De uma simples monera a gênese do mundo
Orgânico; ensinando um dogma fecundo
Do progresso; afirmando a lei da seleção
E seu correlativo – a luta na existência!
Tentam reconstruir, fiéis à experiência,
O vetusto castelo informe do direito
Que precisa de ser, sob outra luz, refeito!

Vemos aqui – Littré, Spencer, Buckle, Comte;
É a filosofia alevantando a frente.
Ali – Haeckel, Pasteur, Darwin, Lyel, Broca;
É a ciência pura – a refulgente roca
Que serve a fiação metódica dos fatos
Ou feios como a morte ou belo como cactos.

A manifestação científico-filosófica se torna bem mais visível na poesia de Junior em relação à de Barretos, conteúdo, vale salientar que ambos trocavam informações e faziam parte do mesmo grupo, porém se obtêm com a poesia de Martins Junior uma poesia mais madura no que se refere aos preceitos da poesia científica.

A importância da Escola de Recife no contexto histórico cultural da época não fora simplesmente uma chama fugaz. Direta ou indiretamente influenciou escritores críticos e filósofos até o início do século XX. Por conta de seu caráter revolucionário e iconoclasta, com idéias e preceitos próprios que visavam uma mudança no jeito de se pensar e fazer arte ela pode ser vista como primeiro movimento de vanguarda realizado em solo brasileiro, pois teve, além de poetas que praticavam efetivamente a nova poesia, um teorizador que organizou as premissas e as defendeu e divulgou. Artistas que pensavam *avant*, além do tempo instantâneo.

1.3 ENTRE A CIÊNCIA E A POESIA: UMA PARTICULARIDADE UNIVERSAL

Para melhor entender a complexidade e importância desta escola e como ela influenciou a poesia de Augusto dos Anjos, faz-se necessário fazer uma explanação sobre as teorias científicas que foram os alicerces dessa escola e que podem ser vistas também na poética de dos Anjos.

Dentre toda a gama de filosofias e teorias científicas de então, Monismo, Monadologia, Determinismo, Evolucionismo entre outras, talvez aquela que melhor abarca o ideal científico seja o Positivismo. Como já foi dito anteriormente, o positivismo defende a idéia de que a humanidade estaria entrando na terceira fase da evolução do pensamento, a fase científica, já tendo passado pelas fases mitológica e religiosa.

Segundo Comte, a compreensão do homem e do mundo só poderia ser obtida através da especulação empírica, da observação da realidade, da análise dos fatos, e a ciência seria um instrumento imprescindível à busca deste material. Para Comte, o mais importante não era indagar o porquê das coisas, mas sim as leis que as regem, não era a busca pelo incognoscível, mas sim a relação constante que existe entre os fenômenos, essa é a razão pela qual sua filosofia rejeita quaisquer fundamentos religiosos ou especulações metafísicas, pois estas procuram responder questões espirituais que obstruem, segundo ele, a busca pela verdade empírica. Seu sistema filosófico

... busca estabelecer a máxima unidade na explicação de todos os fenômenos universais, estudados sem preocupação alguma das noções metafísicas, e pelo emprego exclusivo do método empírico, ou da verificação experimental. (RIBEIRO, 2008, p.32)

Assim sendo, pode-se dizer que o Positivismo abre caminho para muitas outras teorias científicas que partem deste mesmo princípio: buscar a verdade através da observação empírica, da análise objetiva e científica dos fenômenos.

No caso do Monismo, por exemplo, teria criada pelo naturalista alemão Ernest Haeckel (1834 – 1919) e que idealiza a *monera* como o organismo mais primitivo e que coexiste em todos os seres. A principal premissa do monismo é a de que corpo e alma não são coisas distintas, ambos coexistem nas moneras e não se pode fazer uma diferenciação exata entre eles. Nas palavras de Haeckel, num artigo³ em que ele defende as idéias do monismo:

... repelimos a distinção habitual entre a ciência da natureza e a do espírito a segunda não é mais do que uma parte da primeira ou reciprocamente as duas não fazem mais do que uma. p.1

O Monismo opõem-se a visão dualista de vida até então dominante, que propõe a diferenciação entre matéria e espírito, entre corpo e alma, criador e criatura, orgânico e inorgânico, animal e vegetal, no Monismo, a integração destes opostos coexistem numa mesma substância universal, elas fazem parte de uma mesma essência comum à tudo, essa substância é a monera. Na visão monista, diferentemente da visão dualista, o homem é uma parte integrada universo, e não dono dele.

Uma comparação geral, histórica e crítica dos diversos sistemas religiosos e filosóficos dá como resultado principal *que a cada grande progresso no conhecimento profundo, corresponde um afastamento do dualismo tradicional ou do pluralismo e uma aproximação do monismo.* (...) Sempre mais irresistível se mostra para nós a noção de que a nossa alma humana é unicamente uma parte ínfima dessa alma universal que engloba tudo, do mesmo modo que o corpo humano é apenas uma parcela individual do grande corpo organizado do universo. p. 2

³ Todas as citações referentes ao artigo de Haeckel foram retiradas do site: <http://www.ebooksbrasil.org/eLibris/monismo.html> Tradução de Fonseca Cardoso

Teoria muito semelhante à de Haeckel é a da Monadologia, criada pelo filósofo Gottfried Wilhelm Von Leibniz.

A mônada, princípio fundamental que sustenta a filosofia de Leibniz,⁴ seria uma *substância simples*, sem partes, uma espécie de átomo impenetrável e inalterável e tudo que é vivo não seria mais do que uma agregação de mônadas, esta agregação formaria o que ele chama de *substância composta* e a substância composta seria a matéria comum a todas as substâncias e a tudo que existe.

O composto não é outra coisa senão um montão ou AGGREGATUM dos simples (...) E estas mônadas são os verdadeiros átomos da Natureza ou, numa palavra, os elementos das coisas. p.1

Para Leibniz, todas as *percepções e apetites* seriam ações internas às mônadas e as vontades não seriam outra coisa senão um reflexo produzido por elas. Talvez a principal diferença entre o Monismo e a Monadologia esteja na concepção de alma concebida por eles. Para Haeckel, a alma faz parte da monera, matéria espiritual e corporal não se distinguem, e, de fato, Haeckel desconsidera a existência de um Deus, ao passo que, para Leibniz, alma é distinta da mônada e Deus seria uma força monadológica ilimitada, enquanto os seres são limitados “E é assim que pensando em nós pensamos no ser, na Substância, no simples, e no composto, no imaterial e no próprio Deus, concebendo que aquilo que é limitado em nós é nele ilimitado.” p.1

Pode-se entrever essas teorias em vários poemas do *Eu*, como em *Monólogos de uma sombra*, em que é citada a teoria do Monismo:

Sou uma sombra, venho de outras eras
Do cosmopolitismo das moneras
(...)
Da Substância de todas as Substâncias. p. 31

⁴ Todas as informações referentes a filosofia de Leibniz foram retiradas do site: http://www.consciencia.org/leibniz_monadologia.shtml tradução de Luíz Martins

Ainda no mesmo poema é citada a teoria da Monadologia:

A simbiose das coisas me equilibra
Em minha ignota mônada ampla vibra
A alma dos movimentos rotatórios. p. 31

Ou ainda em *Viagem de um vencido*, onde se lê:

Cumpria-se afinal dentro de mim
O próprio sofrimento da substância. p. 160

No soneto *Sonho de um monista*, que já se refere à tese desde o título, Lê-se:

A verdade espantosa do *Protilo*
Me aterrava, mas dentro da alma aflita
Via Deus – essa mônada esquisita –
Coordenando e animando tudo aquilo. p. 58

Ou ainda em *Mistérios de um fósforo*, em que se lê:

Vida, mônada vil, cósmico zero,
Migalha de albumina semifluida, p. 124

Chega mesmo a citar o nome de alguns de alguns dos cientificistas que lera, como neste trecho de *Mater originalis*,

Dessa homogeneidade indefinida

Que o insigne Hebert Spencer nos ensina. p.60

Além do vasto repertório científico empregado por Augusto, o vocabulário também se torna uma singularidade dentro de sua obra, pois o poeta passa a empregar também, por exemplo, neologismos criados por Haeckel,⁵ palavras como *cólpode*, que denomina as infusões de águas estagnadas e as infusões vegetais; *sacorde*, que é uma substância sem aparente organização, como as amebas; *estirpe radiolar actissa*, que denomina a ordem dos protozoários da classe dos *actinópodes*, isto só para citar uma pequena parte do vocabulário cujas palavras se remetem exclusivamente as teorias de Haeckel.

Encontra-se alguns exemplos deste vocabulário em *Os doentes*, em que se lê:

Eu voltarei, cansado da árdua liça,
À substância inorgânica primeva,
De onde, por epigêneses, veio Eva
E a *estirpe radiolar* chamada *actissa*. p.73

Além de Comte, Haeckel e Leibniz existem muitos outros cientificistas cujas teorias aparecem nos poemas de Augusto, e que também são de relevância para uma compreensão mais profunda da obra, como o Darwinismo social do inglês Herbert Spencer, que propõe a aplicação das leis da seleção natural de Charles Darwin à sociedade, ou mesmo o Determinismo sociológico de Hippolyte Taine, que afirma que o homem é um resultado do meio, da raça, e do momento em que vive e essas três forças necessariamente determinam as ações e a vida do homem, idéia que pode ser vista no famoso soneto *Veros íntimos*:

⁵ As informações acerca das palavras aqui citadas em destaque encontram-se no livro *A poesia de Augusto dos Anjos, uma análise de Psicologia e estilo*. De Eudes Barros. Ed. Gráfica ouvidor: Rio- 1974. p.45

O homem que, nesta terra miserável
Mora entre feras sente inevitável
Necessidade de também ser fera. p. 103

Não raras vezes, o poeta chega mesmo a citar explicitamente o nome de alguns teóricos, como em *Os doentes*, em que se lê:

Tentava compreender com as conceptivas
Funções do encéfalo as substâncias vivas
Que nem Spencer nem Haeckel compreenderam...p.65

Chega-se aqui a um ponto interessante da poética augustiana. Tendo em vista que o poeta lera e estudara praticamente todos os grandes pensadores de seu tempo, que compreendia com profundidade suas teses e usava em seus poemas, uma incompatibilidade entre teoria e poesia salta aos olhos.

Ora, todo o pensamento científico que dominava a mente dos estudiosos e que era usada em vários âmbitos da sociedade, desde o ramo judiciário ao poético, como já foi visto, era vista como uma potência positiva, com otimismo, uma vez que procurava responder a questão milenar e ontológica da verdade, que procurava entender os processos que regem a vida biológica e social do homem, explicando as relações causais que conectam o homem à natureza, à sua origem, à sua finalidade.

Acreditava-se que, uma vez descoberto os mecanismo que conduzem a vida humana, poder-se-ia usar esse conhecimento para o bem, para a evolução filosófica, social e existencial, estabelecendo, assim, uma certa igualdade entre as classes sociais, assim, o crescente desenvolvimento cientificista era visto com olhos esperançosos. Contudo, o que se encontra na poesia augustiana é justamente o oposto. Praticamente toda sua obra é composta por um sentimento pessimista de desespero, de melancolia, de morte. Seus versos, regados de

tristeza, jamais deixam transparecer qualquer sentimento de esperança, de alegria, ou qualquer sensação de conforto. Sua poesia é sempre a expressão da dor, do desalento, do infortúnio.

Muito desse pessimismo se deve a influência de um filósofo alemão chamado Arthur Schopenhauer. Sua filosofia é conhecida pelo cunho pessimista e pela visão descrente da vida. É certo que Augusto dos Anjos leu Schopenhauer, de fato muitas das idéias criadas pelo filósofo deixam-se transparecer na obra do poeta.

Para Schopenhauer o mundo existe como vontade e representação, que são geradas pelas percepções do homem e que sofrem uma transformação do subjetivo para o objetivo. Para ele, a natureza humana, não se guia pela dignidade, pela moral, mas, pelo instinto de compaixão. Não se deve julgar os homens pela sua maldade, seu pouco esclarecimento, sua falta de dignidade, e sim, pelos seus sofrimentos, suas necessidades, seu medo, suas dores. Dessa forma, desenvolve-se a empatia entre os homens, e não o ódio ou o desprezo. Para ele, não se deve mascarar a maldade inata a natureza humana e sim mostrá-la sem fingimentos, e que por isso pessoas de qualidade sentem empatia pelos cães, porque eles não fingem, não mentem.

Daí provém as amizades quadrúpedes de tantas pessoas de qualidade, pois francamente, como se restabelecer da infinita dissimulação, falsidade, e malícia dos homens, se não houvessem os cães, em cuja face honesta podemos mirar sem desconfiança? Nosso mundo civilizado não passa de uma imensa máscara. (SCHOPENHAUER, Arthur. 1974. p. 101)

Na poesia de Augusto encontra-se idéia muito semelhante a esta, no poema *As cismas do destino* onde o poeta traduz essa imagem filosófica em forma de poema:

Ser cachorro! Ganir incompreendidos
Verbos! Querer dizer-nos que não finge,
E a palavra embrulhar-se na laringe,

Escapando-se apenas em latidos!⁶

Schopenhauer constrói em sua filosofia uma espécie de elogio ao sofrimento, para ele, a dor é uma necessidade essencial à vida, pois constitui uma regra da existência, ao passo que a felicidade seria apenas uma exceção individual e particular. Para a filosofia schopenhaueriana a vida sem o sofrimento não faria sentido.

Se o sentido mais próximo e imediato de nossa vida não é o sofrimento, nossa existência é o maior contra-senso do mundo. Pois constitui um absurdo supor que a dor infinita, originária da necessidade essencial à vida, de que o mundo está pleno, é sem sentido e puramente acidental. Nossa receptividade para a dor é quase infinita, aquela o prazer possui limites estreitos. Embora toda a infelicidade individual apareça como exceção, a infelicidade em geral constitui a regra. (SCHOPENHAUER, Arthur. 1974. p. 122)

É comum encontrar ideias schopenhaueriana nas poesias de Augusto, a visão pessimista da vida, o sofrimento como uma força redentora, o elogio da dor são premissas de muitos dos poemas do *Eu*. No soneto *Hino à dor*, é construída a ideia da dor como glorificação do ser, como senhora do corpo que possui.

És suprema! Os meus átomos se ufanam
de pertencer-te, oh! dor, ancoradouro
dos desgraçados, sol do cérebro, ouro
de que todas as desgraças se engalanam! p. 140

Já em *Queixas noturnas*, percebe-se como o poeta subverte os conceitos de felicidade e infelicidade, alegria e tristeza.

Bati nas pedras de um tormento rude

⁶ *Eu e outras poesias*. São Paulo: Martin Claret, 2005.p.48

E a minha mágoa de hoje é tão intensa
Que eu penso que a Alegria é uma doença
E a Tristeza é minha única saúde. p. 112

Contudo, vale ressaltar que a força expressiva da poética de Augusto dos Anjos não se deve integra e totalmente às influências filosóficas e científicas aqui citadas, mas sim à originalidade criativa do poeta, sua sensibilidade singular, suas próprias idiossincrasias artísticas, sua habilidade para unir elementos aparentemente tão distintos como poesia e ciência e imprimir-lhes um lirismo único, que dá aos poemas um estilo inconfundível e que leva o leitor a reconhecê-lo apenas com a leitura de alguns versos. A destreza e o tato com os quais ele trata de temas universais como a tristeza, a loucura, a solidão a morte, e até mesmo, em alguns raros casos, o amor. Sua poesia é, nas palavras de Eudes Barros. “A mais estranha poesia de língua portuguesa – poesia inimitável, absolutamente sui generis, absolutamente inqualificável e inclassificável...” (BARROS, 1974, p.31)

2. AS DETERMINAÇÕES HISTÓRICAS DA POESIA DE AUGUSTO DOS ANJOS

2.1. REGENERAÇÃO X DEGENERAÇÃO: AS TRANSFORMAÇÕES SOCIAIS DA BELLE ÉPOQUE

A transição do século XIX para o século XX foi marcada por intensas transformações no meio social, político e cultural. A Abolição da escravatura; a instauração da República e o avanço da industrialização tornam essa passagem de século um cenário conturbado. É nesse contexto histórico que Augusto dos anjos vive e escreve. Essas mudanças sociais interferem diretamente na vida do poeta, e, de certo modo, em sua poesia.

A primeira grande mudança dessa virada de século é a Abolição da Escravatura, seguida quase que imediatamente pela Proclamação da República. A família dos Anjos, que possuía dezenas de escravos, como era costume à época, sofrera com a implantação da Lei Áurea, assinada pela princesa Isabel, em 1888. O que os obrigou a mudar o modo de regência dos Engenhos que a família possuía há gerações, o Engenho Pau d'Arco, em que morava o poeta na juventude, e que figura em vários de seus poemas, fora o mais atingido com a mudança.

Os grandes fazendeiros e donos de escravos exigiram que o prejuízo que lhes fora causado com a libertação de seus “bens” fosse ressarcido pelos monarcas, como a exigência lhes fora negada, boa parte das elites monárquicas que eram donos de escravos e partidários do Abolição, se posicionaram contra a princesa e a monarquia e passaram a apoiar a implantação da República no país, são os chamados *republicanos de última hora*. Porém, a problemática acerca da implantação da República no Brasil já era discutida há algum tempo, uma vez que o imperador Dom Pedro II, já numa idade avançada, não tinha filhos, apenas

filhas, e o trono seria passado para sua filha mais velha, Isabel, que era casada com um francês. O fato de o Brasil ser governado por um estrangeiro não agradava nem os conservadores monárquicos, menos ainda os republicanos, essa incerteza deu início a uma enérgica movimentação política que culminou no Golpe de Estado que depôs o Imperador D. Pedro II, em 1889, e deu início a Primeira República no Brasil, liderada por marechal Deodoro da Fonseca, e chamada por seus próprios praticantes de *Governo Provisório*.

O advento republicano foi marcado por uma série de crises políticas que resultavam em exílios, degolas deportações, sobretudo àqueles que pertenciam às elites imperiais. Assim, os cargos, fortunas e poder que eram transferidos para essa nova ordem política ainda muito débil e instável, eram subdivididos em grupos econômicos sôfregos por riqueza, luxo, posse, que se abarrotavam na disputa pelo ouro. Nicolau Sevckenko (1983) afirma que:

No decorrer do processo de mudança política, os cargos rendosos e decisórios – antigos e novos – passaram rapidamente para as mãos desses grupos de recém-chegados à distinção social, premiados com as ondas sucessivas e fartas de 'nomeações', 'indenizações', 'concessões', 'garantias', 'subvenções', 'favores', 'privilégios' e 'proteções' do novo governo. (SEVCENKO, 1983, P.26)

Dessa disputa arrivista por poder, sob o pretexto da democracia, começa a se formar o que viria a ser a classe burguesa da sociedade brasileira. O ritmo acelerado das mudanças políticas, sociais e econômicas altera o próprio estilo de vida da sociedade. O Rio de Janeiro, a então capital do país era o palco principal destas mudanças, pois oferecia ao novo regime político ferramentas promissoras, tais como: a intermediação com o continente europeu, pois o porto do estado tinha a principal conexão de transporte náutico; era o núcleo da maior rede ferroviária nacional, pois conectava-se diretamente com o Vale do Paraíba, São Paulo, Espírito Santo, Minas Gerais e Mato Grosso; era sede das grandes casas bancárias nacionais e estrangeiras, além de ser o maior centro populacional do país, o que oferecia as indústrias que ali se instalavam uma vasta mão-de-obra e público consumidor.

A mudança da natureza das atividades econômicas do Rio foi de monta, portanto, a transformá-lo no maior centro cosmopolita da nação, em íntimo contato com a produção e o comércio europeus e americanos, absorvendo-os e irradiando-os para todo o país. (SEVCENKO, 1983, P.26)

Como o tesouro nacional tinha sido quase exaurido durante o processo de consolidação da república era necessário o investimento de verba estrangeira para que se pudesse manter o sistema político e impulsionar o avanço republicano. Contudo, havia um paroxismo entre a nova República e a estrutura da capital. As ruas coloniais recurvas, cheias de declives e ruelas estreitas, o antigo cais incapaz de suportar as grandes embarcações, o que resultava num sistema lento e demorado de transbordo. A má distribuição populacional, que aglomerava a população em focos de pardieiros, e que proporcionava um cenário fértil para o surgimento de inúmeras doenças como febre tifóide, varíola, impaludismo, febre amarela, não era bem vista pelos parcimoniosos investidores europeus, que viam no Brasil um país ainda muito atrasado.

Fazia-se necessário, portanto, melhorar a imagem do Brasil perante os investidores estrangeiros, concatenar os estilos de vida e de sociedade brasileiros com o modelo europeu, bem como o ritmo econômico e industrial, ganhando assim, alguma credibilidade frente ao “continente civilizado”. Desse tipo de pensamento político nasceria a classe burguesa do Brasil. O processo de substituição das elites, feito pela virada republicana, já fora o primeiro passo, o segundo seria um processo de remodelação da cidade. A capital do país passou a viver uma transfiguração urbana que iria alterar desde o formato arquitetônico das ruas, casas e praças até a vida econômica e costumes da população. Seria o início do que hoje é chamado de *Belle Époque*. Uma mudança da cidade, e, por extensão, do país.

No que se refere à estrutura arquitetônica do Rio de Janeiro as mudanças aconteceram no sentido substituir as velhas construções da cidade, que possuíam uma feição ainda muito colonial, por novos palácios de arquitetura européia, assim, casarões foram demolidos e substituídos por prédios novos e decorados,

as ruas e vielas estreitas deram lugar a novas e mais amplas avenidas, praças e jardins, decorados com mármore, cristal e estátuas importadas da Europa.

Olavo Bilac, numa crônica da época, fala com entusiasmo dessa *regeneração* da cidade, ao descrever o derrubar de uma antiga casa colonial:

A cidade colonial, retrógada, emperrada em suas velhas tradições, estava soluçando no soluçar daqueles apodrecidos materiais que desabavam, mas o hino claro das picaretas abafava esse protesto impotente. Com que alegria cantavam elas – as picaretas regeneradoras! (...) no seu clamor incessante e rítmico celebrando a vitória da higiene, do bom gosto e da arte! (SEVCENKO, 1983, P.26)

Assim, a cidade do Rio ia assumindo uma postura cada vez mais europeia, e perdendo suas características próprias.

A *regeneração* não afetava apenas o plano arquitetônico e estrutural da cidade. Mas também os costumes e hábitos da sociedade. Toda e qualquer manifestação cultural que envolvesse a antiga tradição foi banida pelo governo. Assim as tradicionais festas do bumba-meu-boi, festa de Judas, festa da glória, todas as formas de religiosidade popular, curandeiros, rituais de candomblés, qualquer costume relacionado à cultura indígena sofriam perseguições e repreensões por parte por parte dos governantes, até mesmo o carnaval teria de ser de versão europeia, com arlequins, pierrôs e colombinas.

Na moda, as vestimentas teriam de ser correspondentes ao padrão europeu, sobretudo o francês. Os estereótipos de beleza iriam se renovando, o comércio de importação de tecidos crescia, lojas que expunham a nova moda eram inauguradas nas novas avenidas, em que circulava os transeuntes da nova elite carioca. A exigência com o rigor do figurino foi tamanho que chegou ao extremo de se fazer uma lei que proibia os cidadãos de transitarem pelas novas avenidas do Município Neutro (assim era chamado a região mais rica da cidade) descalços, de camisa aberta, ou mesmo sem colarinho. Em suma, tudo maculasse a beleza burguesa das ruas ou que remontasse a cultura originalmente brasileira era malquista e rejeitada.

Uma crônica da época ilustra bem este espírito vivido, pelo menos pelos letrados, na *belle époque*, o cronista conta um episódio em que o Rio recebera visitas estrangeiras, por conta de um Congresso Pan-Americano, e revela com clareza a intolerância social da época:

Abríamos a nossa casa para convidados da mais rara distinção e de todas as nações da América. Recebíamos até norte-americanos!... Íamos mostrar-lhes a grandeza do nosso progresso, na nossa grande Avenida recém-aberta (...) No melhor da festa, como se tivessem caído do céu ou subido do inferno eis os selvagens medonhos, (...) metido com gente penteada, estragando a fidalguia das homenagens, desmoralizando-nos perante o estrangeiro, destruindo com o seu exotismo o nosso chiquismo./ Infelizmente não era mais tempo de providenciar, de tirar aquela nódoa tupinambá da nossa correção pariense... (SEVCENKO, 1983, P.35, 36)

No âmbito populacional também ocorreram grandes mudanças. Com a *regeneração* da cidade, as classes inferiores que habitavam os casebres e as moradias desfiguradas foram obrigadas a se deslocar para a margem da cidade, construindo ali suas novas moradias. Acrescenta-se a isso as conseqüências da abolição, que resultou numa migração de pessoas de variadas partes do país, e até imigrantes, para trabalhar nas lavouras, agora com remuneração; a crise econômica cafeeira, que deixaria boa parte da população desempregada, somados aos gastos das campanhas de consolidação do novo regime e a crise industrial-comercial faziam do Rio uma capital contrastante, estruturalmente rica, modelada nos parâmetros do mais alto padrão europeu, ornada com estátuas de mármore importadas e jardins opulentos, porém, habitada por pedintes, famintos, desempregados, e uma casta de miseráveis sem moradia. Segundo SEVCENKO (1983), a imagem da cidade era:

...tomada integralmente pela miséria, que exibiria publicamente sua execração (...) grande parte da população estava reduzida à situação de vadios compulsórios, revezando-se entre as únicas práticas alternativas que lhes restavam: o subemprego, a mendicância, a criminalidade, os expedientes eventuais e incertos. (SEVCENKO, 1983, P.35, 36)

Esse contexto sócio-econômico gerou uma progressão ascendente de assaltos, arrombamentos, ferimentos, suicídio, e criminalidade infantil. Sevcenko (1983), apoiado num estudo realizado pelo Gabinete de Identificação e Estatística do Distrito Federal da época, de 1907 a 1912 ,

... um quarto (26%) dos criminosos presos pela polícia tinha menos de vinte anos, sendo que destes, 10% tinham menos de quinze anos de idade.” Chegou-se mesmo a criar um Depósito Provisório de Menores (...) com oficinas e capacidade para cinquenta crianças, que em pouco tempo transformou-se num asilo com uma lotação repleta de mais de 380 menores. (SEVCENKO, 1983, P.62)

números exorbitantes para a época.

Nesse conturbado contexto sócio-político surge um ímpeto de protesto contra as atitudes da primeira República, como o *jacobinismo*, espécie de partido de oposição, que pregava, sobretudo, a xenofobia, principalmente contra os lusitanos, pois estes avultavam a cidade e se apoderavam dos melhores empregos. Simplesmente dominavam no comércio, locação de imóveis e varejo. O jacobinismo propunha que o Brasil rompesse relações não só com Portugal, mas também com todo o continente europeu, e que o Brasil voltasse para si, construindo uma indústria e comércio autossuficientes.

A população, que viva espremida nos subúrbios e cortiços que surgiam e que via uma camada da sociedade cercada de festa, cerimônias e manifestações culturais, aqueles que foram vítimas da *regeneração* e cuja revolta crescia, acabou tornando-se propensa ao jacobinismo. Eis aí a arma mais poderosa e a principal manobra política jacobinista: direcionar a revolta populacional para o governo republicano vigente. SEVCENKO (1983) afirma que

Essa a característica crucial e que explica toda a força do jacobinismo: era menor a sua própria força do que a habilidade em jogar com energia potencial, latente e prodigiosamente explosiva enraizada no seio da cidade, o instinto de revolta do grosso da população oprimida e marginalizada, ‘as vítimas da Regeneração. (SEVCENKO, 1983, P.66)

Essas *vítimas da Regeneração* eram as mais prejudicadas. Expulsas de certas regiões, isoladas em morros, pântanos e subúrbios mal organizados; discriminados por sua etnia, classe social, trajes, cultura; compelidos a uma vida miserável de salários mínimos, desemprego e mendicância; moralmente subjugados e socialmente perseguidos. Contudo, uma vez que essa classe de rejeitados irrompia em motins, era quase impossível contê-los. Daí provém os inúmeros motins e revolta que marcaram os primeiros anos da República no Brasil, como a revolta armada, revolta da chibata, a revolta da vacina, e outras.

Em suma, a transição do século XIX para o século XX e as primeiras décadas deste último, é marcada por profundas mudanças que vão desde o sistema governamental até os costumes mais simples do povo; desde a reorganização estrutural de uma cidade até as implicações diretas dessa “reorganização” na vida dos cidadãos. Vivia-se um estado de transformação que não se restringia apenas ao campo político, mas que abrangia toda uma sociedade e era sentido e vivido por ela. É nesse contexto sócio-político-cultural que Augusto dos Anjos vive e publica o seu *Eu*. Trata-se de um período conturbado entre a população e os governantes, um conflito entre a cultura de um país e os parâmetros internacionais estabelecidos, entre o *chiquismo* hipócrita que se mostrava às escâncaras à luz dos novíssimos lâmpões elétricos recém instalados na capital e a miséria dos excluídos escondida na obscuridade dos subúrbios. A arte crê que a ciência e tecnologia, que impulsionava a sociedade nessa nova pátria, seria capaz de retratar o complexo e conturbado sistema que surgia, no qual o indivíduo se via perdido e sem perspectiva, questionando-se sobre o rumo das novidades a que finalidade essa nova visão de mundo levaria a sociedade e o homem inserido nela. Augusto dos Anjos ilustra com destreza esse sentimento de incerteza vivido pelo homem nas primeiras décadas do século XX nos seguintes versos de *Poema Negro*:

A passagem dos séculos me assombra,
Para onde irá correndo minha sombra
Neste cavalo de eletricidade.
Caminho, e a mim pergunto na vertigem,

Quem sou, para onde vou, qual minha origem?

E parece-me um sonho a realidade. p.108

2.2. As rupturas literárias

O conturbado contexto histórico vivido nas primeiras décadas do século XX se projeta também para o mundo das letras. A literatura desse período, bem como sua história, passa por um processo de transição.

Assim como em todos os âmbitos cultura nacional, os intelectuais voltaram-se para a cultura européia, os escritores deste período adotaram os modelos literários europeus como cânones absolutos e única forma de apagar da literatura as manchas da arte passadista, neste sentido, toda arte deveria ter também, além da roupagem européia, uma postura engajada, enaltecendo o mundo novo, liberal, democrata, progressista e republicano. Os escritores, então, tomados por este desejo de atualidade e novidade, imprimiam em suas obras as idéias que eles acreditavam ser a marca de seu tempo, e, inundadas pela onda de cientificismo que emanava da Europa desde fins do século XIX, alguns escritores como Aluísio Azevedo e Euclides da Cunha passaram a fazer uma literatura que empregava teria cientificistas.

O estabelecimento de uma vanguarda científica na área do conhecimento, centrada ao redor das Ciências Naturais, esteve por trás de toda uma série de fenômenos que revolucionaram a sociedade (...) Foi essa vanguarda que definiu os três saltos imensos que mudariam o destino de praticamente toda a humanidade... (SEVCENKO, 1983, P.81)

Esses três passos imensos de que fala SEVCENKO (1983) seriam as teorias evolucionistas de Darwin, que proporcionaram uma nova explicação para o surgimento da existência; os avanços nos estudos de microbiologia que permitiram a Revolução Sanitária nas áreas urbanizadas e as pesquisas nos campos da física e da química, que deram início a segunda Revolução Industrial, também chamada de Revolução tecnológica.

Contudo, o Brasil, apesar de todas as transformações, ainda possuía uma população que na sua grande maioria era iletrada, e, dentre os letrados, que constituíam a alta classe da sociedade, a arte lhes era bem menos importante do

que a disputa pelos cargos rendosos e o apadrinhamento pelos poderosos do governo.

Segundo Sevcenko (1983) “Os homens de talento sentiam-se unanimemente repelidos e postos de lado em favor de aventureiros, oportunistas e arrivistas sem escrúpulos.” (SEVCENKO, 1983, P.87)

O próprio Augusto dos Anjos passa por essa rejeição da sociedade carioca pelo artista, quando mudou-se da Paraíba para a capital, sofreu com o arrivismo que dominava a cidade. Mudando-se constantemente de estadia, sem emprego fixo, vendo sua obra publicada em plena *Belle Époque* mofando nas prateleiras das livrarias, como será visto com maior profundidade mais adiante neste trabalho.

Didaticamente, toda a produção literária realizada entre 1900 e 1922 é intitulada pré-moderna, por constituir, em certos aspectos, elementos que antecedem os ideais modernistas, forjados por escritores como Mário de Andrade, Oswald de Andrade e Manuel Bandeira e que dariam início ao Modernismo no Brasil. Quando aplicado à obra de Augusto dos Anjos trata-se de um termo errôneo, pois, como será visto, sua poética não estabelece nenhuma relação com os ideais modernistas, só pode-se chamá-lo pré-modernista se se entende que essa alcunha se refere ao período literário no qual ele escreve, pois, analisando cronologicamente, sua obra foi publicada durante o período a que se chama Pré-modernismo.

Contudo, apesar de não haver uma escola literária bem definida, ainda havia escritores de expressão simbolista, outros de estética parnasiana, alguns com ares de Naturalismo, outros, de fato, podem ser considerados pré-modernos, no sentido estrito do termo, pois realmente foram antecessores de alguns conceitos modernistas. Tais como Lima Barreto, que escreveu durante a *Belle Époque*, e que, ao contrário do comum, abordava em seus romances uma temática voltada à nacionalidade brasileira, (uma das principais premissas do Modernismo) e que despe seus personagens daquela roupagem européia, cobrindo-os com cores mais nacionais, numa linguagem popular, nacional, focando os subúrbios da sociedade carioca em detrimento dos centros burgueses e da elite europeizada. Ou mesmo Euclides da Cunha que, apesar da linguagem

científica, trabalha com a temática sertaneja, daqueles que foram esquecidos pela revolução republicana, afirmando que a república tomou um rumo contrário do esperado, tornando-se opressiva e discriminatória.

A poesia de Augusto dos Anjos, como foi visto no primeiro capítulo deste trabalho, é de caráter indiscutivelmente único, contudo, pode-se encontrar alguns pontos de convergência entre ele e alguns poucos escritores de seu tempo, como Euclides da Cunha, que também se vale do cientificismo para compor sua obra, e esse ponto de convergência se dá, sobretudo, no âmbito da linguagem. O uso de vocábulos e de termos científicos é uma constante na obra de ambos, a linguagem rebuscada e científica, construindo, muitas vezes, uma sintaxe intrincada e inflexível, a referência direta ou indireta a certos teóricos é facilmente encontrada na produção desses escritores, com a diferença de que Euclides da Cunha se vale do cientificismo sob um prisma histórico e sociológico, que circunda em torno de fatores raciais e geográficos como pode ser visto em sua principal obra *Os Sertões*. Conforme Sevcenko (1983) para Euclides da Cunha “A preocupação de realizar uma síntese entre a linguagem literária herdada e a elocução científica do presente é pois consciente e constitui uma verdadeira obsessão...” (SEVCENKO, 1983, P.134) e afirma ainda que,

Não lhe é estranho o gosto pela frase trabalhada, a forma lustrada e cintilante, constituída da ressonância de vocábulos fortes, que caracterizava o gosto parnasiano. Sem ligar-se em particular a nenhuma das correntes... (SEVCENKO, 1983, P.134)

Nobre de Melo, sobre a linguagem da poética augustiana, afirma:

...com que estupenda desenvoltura ele manejava a terminologia científica, alinhando estrofes poderosas e magníficas, rimadas com expressões esdrúxulas e vocábulos de prosódia complicadíssima, que nem por isso comprometiam o efeito sugestivo do verso e a sua inexcusável musicalidade. (MELO, A. L. Nobre de, 1942, p.59)

Ferreira Gullar, ainda no campo da linguagem utilizada por Augusto dos Anjos, afirma:

Do Parnasianismo, Augusto herdou, sobretudo, o verso conciso, o ritmo tenso e a tendência ao prosaico e ao filosofante; do simbolismo, além do gosto por palavras-símbolo com letra maiúscula o recurso da aliteração e certos valores fonéticos e melódicos. (GULLAR, 1976, P.18)

Contudo, apesar das analogias artísticas de ambos, que se dá de sobre modo na linguagem escolhida, é necessário frisar que as diferenças entre ambos superam de longe as semelhanças. A literatura de Cunha aborda temáticas sociais, voltada para as mazelas da sociedade, parafraseando o próprio Cunha, é uma *denúncia* feita a sociedade. A de dos Anjos, por outro lado, é a expressão de angústias e dores inerentes ao eu, não se trata, no entanto, de um eu lírico ególatra, que pretende fixar-se como eixo fulcral ou imagem única e insubstituível em todos os poemas. Na leitura dos poemas de dos Anjos percebe-se que os *personagens principais* são as revoltas, medos, aflições, sofridas pelo eu lírico, é sobre estes espectros de dor e de morte que recai a luz de seus textos, não a um ego inflamado carente de atenção.

SEVCENKO (1983) ao analisar o plano de conteúdo da obra de Euclides da Cunha, afirma que:

A transparência de seus textos com relação à realidade dos fatos que animavam a ação social do período é quase total. Esse realismo premeditadamente intoxicado de historicidade e presente é uma das características mais típicas de sua literatura... (SEVCENKO, 1983, P.131)

E conforme Escobar (1973) a poesia de Augusto dos Anjos seria mais uma expressão científica de suas revoltas interiores do que a representação do presente.

Porque Augusto era toda uma revolta interior. Acaso a vida e suas mazelas não lhe tocassem a cólera, outro tema viria em fúria perturbá-lo. Qual? Talvez a revolta do anjo caído. Mesmo porque lá está, em amplo esboço no *Eu*, a par e passos com a maldição da carne, a maldição da alma. (ESCOBAR, 1973, p.271)

Sendo assim, pode-se afirmar que arte de Cunha está a serviço do social, no sentido de captar o presente e atribuir-lhe literariedade, ainda que sob uma ótica científica, e, ao mesmo tempo, de criar uma nova literatura e imbuir-lhe historicidade. A poesia de Augusto dos Anjos, por outro lado, trata de temas mais individuais, aborda as revoltas interiores sofridas pelo eu lírico, suas dores existenciais e angústias intrínsecas. Em suma, a literatura de Euclides da Cunha é mais voltada ao externo, ao passo que a de Augusto dos Anjos é voltada ao interno, apesar de ambas se valerem do mesmo cunho científico na criação artística.

Talvez a principal convergência entre os escritores de destaque como Lima Barreto, Euclides da Cunha, Augusto dos Anjos, e até mesmo Monteiro Lobato, este último com algumas restrições, que produziam durante a *Belle Époque* pré-moderna, fosse o desejo de renovação artística, de romper com a estética vigente, de transgredir os modelos impostos aos artistas, de burlar os padrões parnasianos que alguns exigiam como fundamento obrigatório ao texto artístico. Esses escritores de destaque tem em comum uma postura iconoclasta, a aspiração de destruir os velhos conceitos, de romper com as tradições e propor uma literatura nova, imbuída de uma nova essência estética, uma visão poética original, que estivesse em sintonia com o mundo novo que nascia no século XX. Augusto dos Anjos, contudo, concretiza essa ruptura de maneira singular e original. No que se refere à poesia, sua obra não encontra outra que se lhe equipare. Em nenhum momento da história da literatura brasileira encontra-se essa aliança entre ciência e estética tão bem diluídos, servindo de argumento para aquilo que ele almejava cantar: o sofrimento, a mágoa, a dor de estar vivo. Em se tratando de rupturas literárias sua obra obtém um grande êxito, pois não se agrega a nenhuma tendência, vanguarda ou escola. Em suma, Augusto dos Anjos é aquele solitário d'O *Poeta do hediondo*:

Eu sou aquele que ficou sozinho
Cantando sobre os ossos do caminho
A poesia de tudo quanto é morto! p.142

2.3. ASPECTOS BIOGRÁFICOS DE AUGUSTO DOS ANJOS

Augusto de Carvalho Rodrigues dos Anjos Nasceu a 20 de abril de 1984, no engenho Pau D'Arco, Paraíba. Filho do Dr. Alexandre Rodrigues dos Anjos (Ioiô) e Dona Córdula Carvalho Rodrigues dos Anjos (Sinhá Mocinha). De família abastada, dos Anjos gozou em seus primeiros anos uma vida financeiramente segura. Donos de dois engenhos de cana de açúcar e dezenas de escravos, como era comum à época. A família dos Anjos era produtora bem sucedida no cultivo de cana de açúcar mascavo, água ardente e rapadura, contudo, ainda na década em que nasceu o poeta, os negócios da família entraram em ininterrupta decadência. Com o processo de abolicionismo ganhando força, a lei do ventre livre, que já afetara a economia da família, e, posteriormente, o industrialismo deferindo-lhe o golpe fatal. Assim, Augusto assiste a contínua decadência financeira da família, os parentes migrando para outras regiões do país na esperança de melhores condições, até ele próprio tempos depois, migrando para o Rio de Janeiro, com sérias pendências monetárias.

Contudo, sua infância seguia sem grandes empecilhos. O menino Augusto, ainda com quatro anos incompletos, já dava sinais de prodígio, tendo aprendido sozinho o alfabeto e pouco tempo depois, com o auxílio do pai, seu professor durante a infância, alfabetizando-se sem grandes dificuldades.

Augusto teria aprendido o alfabeto por si mesmo, em contacto com os irmãos mais velhos, atento às suas lições e estudos. Narra Humberto Nóbrega: 'Conta-se que, estando certa vez com Augusto nos braços, o Dr. Aprígio surpreendeu-o a identificar, uma por uma, em um jornal, as letras do alfabeto. (JUNIOR, R. Magalhães, 1978, p. 17)

Seu primeiro soneto, intitulado *Saudade*, e data de 1899, foi publicado no *Almanaque do Estado da Paraíba*, em 1900, quando o poeta contava 15 anos de idade. Tendo publicado seu segundo soneto no jornal *O Comércio*, (com o qual, mais tarde, travaria estreita relação) intitulado *Abandonada*, ambos com uma temática semelhante, um amor perdido, que alguns estudiosos acreditam ser inspirados pela primeira paixão do poeta, que, por não ser aprovado por sua mãe,

acaba de maneira trágica. Magalhães Junior, apoiado num estudo intitulado *Augusto dos Anjos, um tema para debates*, de Horácio de Almeida, afirma que Augusto,

Apaixonara-se por uma moça que havia sido recolhida, como retirante, no solar do Engenho Pau d'Arco. A Mãe de Augusto, sabendo do romance, mandou retirar a moça, às escondidas para um sítio das vizinhanças. Mas o rapaz veio a descobrir o esconderijo e usando de cautela passou a revê-la. Então Sinha-Mocinha, exasperada contra a moça que desencabeçara o filho, mandou aplicar-lhe uma surra por cabras de sua propriedade. Tão brutal o serviço feito que a jovem de pronto abortou e logo morreu. (JUNIOR, 1978, p. 22)

Sobre a mesma polêmica Eudes Barros, em seu livro *Augusto dos anjos, uma análise de psicologia e estilo*, apontaria outro poema, também dessa primeira juventude do poeta cujo conteúdo aludisse à trágica paixão juvenil. O soneto *Súplica num túmulo*, publicado pelo jornal *O comércio*, entre 1900 e 1901, aborda o tema da amada morta, bem como os outros dois já citados, no entanto, este revela o nome da musa; ei-lo:

Mária, eis-me a teus pés. Eu venho arrependido,
Implorar-te o perdão do imenso crime meu!
Eis-me, pois, a teus pés, perdoa o teu vencido,
Açucena de Deus, lírio morto do Céu!

Perdão! E a minha voz estertora em um gemido,
E o lábio meu para sempre apartado do teu
Não há mais de beijar o teu lábio querido!
Ah! Quando tu morreste, o meu sonho morreu”

Perdão, pátria da aurora exilada do sonho!
- Irei agora, assim, pelo mundo, para onde
Me levar o destino abatido e tristonho...

Perdão! E este silêncio e esta tumba que cala!
Insânia, insânia, insânia, ah! Ninguém me responde.
Perdão! E este sepulcro imenso que não fala! p.181

É evidente no poema o sentimento de culpa, de perda, percebe-se um eu lírico amargurado e arrependido, se houve de veras essa amante e se as especulações sobre o que lhe são verdadeiras não se pode afirmar de fato, mas as opiniões de sérios estudiosos da poesia e da vida de Augusto dos Anjos convergem neste sentido. O próprio Eudes Barros, em sua leitura do soneto, levanta a questão: “Que imenso crime foi esse? Certamente o de tê-la repudiado, *vencido* pela imposição da família.” (BARROS, 1974, p.15)

Nos anos de 1900 e 1901 o poeta tornou-se colaborador assíduo do jornal *O Comércio* no qual publicou dezenas de poemas, no entanto, não se vê na poesia do jovem poeta qualquer indício daquele que viria a ser o autor do *Eu*, cientificismo e pessimismo ainda lhe eram inexistentes ou superficiais. Sua poética, até então, oscilava entre os acontecimentos e as novidades da época, e o transcendentalismo espiritual simbolista. O soneto *A aeronave*, publicado em 1901 pelo já íntimo jornal *O Comércio*, trata de um dos acontecimentos que mais repercutiu nos jornais da época, a invenção do dirigível de Santos Dumont que, depois de contornar a torre Eiffel e pousar em segurança no mesmo lugar do qual saíra, virou manchete nos jornais brasileiros. Eis o poema:

Cindindo a vastidão do Azul profundo,
Sulcando o espaço, devassando a terra,
A aeronave que um mistério encerra
Vai para o espaço acompanhando o mundo.

E na esteira sem fim da azúlea esfera
Ei-la embalada n'ampidão dos ares,
Fitando o abismo sepulcral dos mares
Vencendo o azul que ante si se erguera.

Voa, se eleva em busca do Infinito,
É como um despertar de estranho mito,
Auroreando a humana consciência.

Cheia da luz do cintilar de um astro
Deixa ver na fulgência do seu rastro
A trajetória augusta da ciência. (JUNIOR, 1978, p. 44, 45)

Já no que se refere às influências simbolistas, muito se deve as leituras de Cruz e Souza e Charles Baudelaire. Desta vertente o poeta herdou uma certa inclinação para personificação de substantivos abstratos, o gosto por temas lúgubres e cenários noturnos. Tal evidência se torna influente no poema *O riso*, cuja epígrafe é uma citação direta do poema *Acrobata da dor*, de Cruz e Souza:

O riso – o voltairesco *Clow* – quem mede-o?!
- Ele, que ao frio alvor da Mágoa Humana,
Na Via-Látea fria do nirvana,
Atenta a vida que tombou no Tédio!

Que à dor se prende, e a todo o seu assédio,
E ergue à sombra da dor a que se irmana
Lauréis de sangue de volúpia insana,
Clarões de sonho em nimbos de epicédio!

Bendito sejas, Riso, *clow* da Sorte
- Fogo sagrado nos festins da Morte
- eterno fogo, saturnal do Inferno!

Eu te bendigo! No mundano cúmulo
És a Ironia que tombou no túmulo
Nas sombras mortas de um desgosto eterno! (JUNIOR, 1978, p. 71)

Apesar de sofrer influências simbolistas, dos Anjos não adere ao movimento, sua primeira fase como poeta deixa transparecer alguns traços da escola de Cruz e Souza, contudo, não era de seu feitio escrever através da estética metafísica.

A participação no jornal *O Comércio* seria bastante freqüente até fins de 1902, período em que o exame preparatório da Faculdade de Direito do Recife exigiria maior atenção do poeta, a partir daí sua colaboração com o jornal ficaria cada vez mais escassa, até sumir-se de todo.

Os exames para a Faculdade de Direito tornou-se um dos maiores motivos de preocupação do poeta. Segundo Magalhães Junior, os exames “... explicam o fato de ter publicado trinta e oito poemas n’*O Comércio*, em 1902, e apenas um em 1903.” (JUNIOR, 1978, p. 71) Certamente, o fato de o poeta querer fazer *dois anos em um* não o permitia tempo para a poesia.

O ano de 1903, contudo, seria o início de uma mudança em sua poesia, a convivência com professores e alunos no centro cultural fervilhante da Faculdade de Recife provocaria profundas mudanças no estilo poético de dos Anjos.

Em 1904 surge n’*O Comércio* o primeiro poema que figuraria no *Eu, Vandalismo* é um poema tipicamente simbolista, porém, mais maduro se comparado aos que escrevera anteriormente. Nenhum dos poemas escrito antes deste ano foi escolhido pelo poeta para ilustrar sua obra, alguns deles figuram nos apêndices agregados à obra com o nome de *Outra poesia e Poemas esquecidos*. Augusto se mostrava extremamente exigente com a escolha dos poemas para sua obra-prima, e o contacto com as idéias de Martins Junior, professor da faculdade em que estudava, como já foi dito, viria a dar mais singularidade à poética de Augusto. Em 22 de agosto de 1904, Martins Junior morre, acontecimento que, conforme Magalhães Junior, deve ter levado Augusto dos Anjos a dar especial atenção a seus versos, e afirma ainda que essa passagem do poeta por Pernambuco “... equivale a um divisor das águas, em sua poesia, ainda que a transição tenha sido feita aos poucos, como era natural.” (JUNIOR, 1978, p. 111)

Fato é que, em fins de 1905, o poeta já consolidar se estro na escrita, adquirira seu próprio estilo poético e uma maneira própria de exprimir-se. Daí em diante, faltava-lhe apenas aperfeiçoar o seu plano de expressão, livrar-se da roupagem simbolista e aprofundar-se nos conhecimentos cientificistas e agregá-los à já sensível e aguçada visão poética que o consagraria.

...o poeta alcançava a sua feição definitiva, entre os vinte e um e os vinte e dois anos, só lhe acrescentando, a partir daí o vocabulário cientificista, que o aproximaria cada vez mais de Martins Junior, à medida que o ia afastando de suas fontes iniciais e da visível influência de Cruz e Souza. (JUNIOR, 1978, p. 131)

Nos anos seguintes continuou a colaborar com os jornais, além d'O *comércio* colaborava também com o Jornal *União*, da Paraíba. Neste período enveredou-se no caminho da crônica, porém, sem obter sucesso, seu estilo intruncado de escrita e de idéias complexas, que enriqueciam suas poesias, nas crônicas, servia de empecilho, tornando-as obscuras e pedantescas.

Concluiu o curso de Direito em 1907, juntamente com Órris soares que mais tarde viria a escrever sobre o poeta, lançando a segunda edição do *Eu*, com um prefácio escrito por ele.

Assistindo o declínio financeiro em que a família engressava, preferiu o magistério à prática do Direito e passou a dar aulas no Instituto Maciel Pinheiro e, paralelamente, também dava aulas particulares.

Em 1908 conhece Ester Fialho, com quem mais tarde se casaria e teria os filhos Glória e Guilherme.

Em 1909 a família dos Anjos encontra-se em apertadíssima situação financeira. Com dívidas cada vez mais difíceis de serem saudadas e intermináveis cobranças de credores. D. Córdula e seus filhos se vêem obrigados a vender o estimado Engenho Pau d'Arco. "A situação se tornara se tornava insustentável desde que, a 18 de fevereiro, o Banco Emissor de Pernambuco iniciara uma ação para executar hipoteca a longo tempo vencida..." (JUNIOR, 1978, p. 227, 228)

Augusto, depois da venda do engenho fez planos de viajar para o sul do país e instalar-se na então capital do país, o Rio de Janeiro. Seu projeto tomara ainda mais força depois de alguns desentendimentos com o Dr. João Macedo, o regente do Liceu Paraibano, no qual trabalhava na época, e também pelos incentivos de seus irmãos Odilon e Alfredo dos Anjos, que já viviam na capital. O poeta tomou sua esposa Ester, então grávida do primeiro filho (que não vingaria) e despediu-se de sua terra dizendo: “Jamais porei os pés na Paraíba.” (PROENÇA, 1997. p. 8)

Na capital do país a vida não lhe corria melhor do que no norte. Sem uma renda fixa e trabalhando esporadicamente como professor. As promessas de emprego que lhe eram oferecidas, no mais das vezes, não passavam de promessas, e, apesar dos esforços do irmão Odilon, não parecia haver solução para o caso.

Nos primeiros meses na capital, um trágico acontecimento viera agravar ainda mais o estado do poeta. Ester abortara seu primeiro filho, com sete meses incompletos de gestação. Sobre o ocorrido, o poeta relataria em carta à mãe:

Comunico-lhe que Ester, às 6 h. da tarde de 2 deste mês, abortou, produzindo semelhante acontecimento atribulações acérrimas, as quais, devido as condições satisfatórias de seu estado atual, já estão cessadas por inteiro. (JUNIOR, 1978, p. 227, 228)

Desta experiência o poeta escreveria um soneto, dedicado ao filho nascido morto prematuramente. O poema, que não apresenta título, foi incluído pelo poeta no *Eu*, eis o poema:

Agregado infeliz de sangue e cal,

Fruto rubro de carne agonizante,

Filho da grande força fecundante

De minha brônzea trama neuronal,

Que poder embriológico fatal
Destruiu, com a sinergia de um gigante,
Em tua *morfogênese* de infante
A minha *morfogênese* ancestral?!

Porção de minha plásmica substância,
Em que lugar irás passar a infância,
Tragicamente anônimo, a feder?...

Ah! Possas tu dormir feto esquecido,
Panteisticamente dissolvido
Na *noumenalidade* do NÃO SER! p. 40

Vivendo com os rendimentos adquiridos com a venda do engenho Pau d'Arco e com os escassos ganhos de professor, sua estadia no Rio seguia-se sem grandes avanços, somente em abril de 1911 sua situação profissional teve uma pequena melhora, e ele pode, finalmente, descansar da *batalha pela sobrevivência* na capital. Assim escreveu a notícia à mãe: “Comunico-lhe que fui nomeado hoje professor de geografia, Corografia e Cosmografia do Ginásio Nacional.” (JUNIOR, 1978, p.242) Ainda assim, os rendimentos obtidos com o novo emprego não eram suficientes, tendo o poeta de continuar a dar aulas particulares e sendo obrigado a mudar-se constantemente de estadia, a procura daquela que estivesse de acordo com seus magros rendimentos.

Em 1912 com o nascimento da filha e com *Eu* recém publicado numa pequena tiragem de mil exemplares financiados pelo irmão Odilon, Augusto se mostrava otimista com a vida em fim estabilizada e com a recepção de sua obra pelo círculo literário carioca. Em carta a mãe dizia: “O *Eu* tem escandalizado o superficialíssimo meio intelectual daqui./ Em breve enviar-lhe-ei os jornais, onde vem as críticas ao aludido livro.” (JUNIOR, 1978, p. 252)

De fato, o *Eu* causou impacto no meio intelectual carioca e, nas palavras do crítico Oscar Lopes, *fez barulho logo à chegada*. Os críticos literários dividam-se entre os que o aclamavam e os que o renegavam. Muitos artigos publicados em jornais da época faziam-lhe entusiasmados elogios, porém, censurando-lhe a

temática grotesca e o uso abusivo do vocabulário científico, afirmando que isto empobrecia a obra.

Todos aguardavam a crítica de Osório Duque-Estrada, crítico de respeito e prestígio à época, que, ao contrário do que se esperava, não desmereceu o talento do poeta e elogiou-o no que se refere à originalidade de idéias, é certo que não o tomou por gênio nem grande escritor, mas fez-lhe uma crítica sóbria e honesta, como convém ao gênero. O artigo, publicado pelo jornal *Correio da manhã*, começa nestes termos:

Deste original e desequilibradíssimo poeta não fez a crítica um juízo definitivo, imparcial e sincero. Uns (...) proclamam-no, com exagerados louvores, artista incomparável, extraordinário, único, original e perfeito, (...) Outros (...) repelem os versos do poeta paraibano e lançam sobre eles a excomunhão, fulminando-os impiedosamente com as setas envenenadas da zombaria e do remoque. (JUNIOR, 1978, p. 257, 258)

Duque–Estrada afirma que é no meio termo que se encontraria o *juízo definitivo* do poeta. Depois de fazer algumas críticas negativas à estética parnasiana daquele contexto e aos seus autores, ressalta alguns elementos de qualidade da poesia de os Anjos, contudo, como a maioria dos críticos até então, culpa-o o uso da ciência em sua poética, afirmando que

‘há, no fundo da complicada poesia do Sr. Augusto dos Anjos, o lastro de um cientista e de um esteta de raro merecimento. Não digo de um grande poeta, porque vazar em um pequeno volume de versos todo o monismo de Haeckel e grande parte do evolucionismo spenceriano, não é, positivamente, fazer obra de poeta e de artista’ (JUNIOR, 1978, p. 258)

Depois de tecer um sequência de críticas em que ataca vários poemas onde, segundo ele *míngua a poesia e avultam aberrações*, conclui afirmando que Augusto dos Anjos é “Um grande talento transviado pelo cientificismo; a promessa de um extraordinário poeta, abortada da alma de um filósofo...” (JUNIOR, 1978, p. 259)

De modo geral, todas as críticas ao poeta rumavam para um mesmo sentido: elogiavam-lhe o talento para o verso sonoro, a originalidade, o eruditismo, porém, sempre criticando o caráter científico da poesia, o pessimismo irremediável e as imagens que fugiam à concepção do *belo*, que consideravam despautérios de louco.

Assim, entre impiedosos ataques e frenéticos elogios, gozou o poeta de uma certa fama no ano da publicação, seu livro era comentado nos jornais mais conhecidos da época, causando fervor nas discussões intelectuais, o autor chegou a ser fotografado (coisa de muita relevância à época) andando pela rua do Ouvidor, uma das mais importantes e famosas do Rio de início de século, e o *Eu* chegou a ser incluído na biblioteca e nos estudo de medicina. Contudo, essa fama não seria duradoura e quase um ano depois da publicação já estaria praticamente esquecido.

A dificuldade de fixar-se na capital e de conquistar algum equilíbrio continuava e o poeta persistia em sua freqüente mudança de moradia (10 em menos de dois anos) e escassez monetária. Sobre essa situação diz, em carta a mãe:

‘Ainda não me foi possível arranjar uma colocação fixa nesta capital./Sou destarte obrigado a ensinar em colégios particulares, não podendo, por conseguinte libertar-me dessa fatalidade de mestre-escola, que me persegue com insistência.’ (JUNIOR, 1978, p. 282)

Com a ajuda de seu cunhado, Rômulo Pacheco, que gozava de certa influência na cidade de Leopoldina, em Minas Gerais, o poeta foi nomeado diretor do Grupo Escolar Ribeiro Junqueira, onde conquistaria, finalmente, a tão sonhada estabilidade financeira. Sobre a mudança da capital, escreve à mãe:

‘Acabo de ser nomeado diretor do Grupo Escolar de Leopoldina, cidade de Minas Gerais, ligada por via férrea a esta capital. (...) Vou destarte descansar um pouco desta afanossíssima existência que tenho arrastado até esta data com uma heroicidade muito acima das energias humanas comuns.’ (JUNIOR, 1978, p.286)

Em Leopoldina, na condição de diretor, a vida do poeta caminhava com a monotonia típica das cidades interioranas. No pouco tempo em que esteve na cidade (menos de um ano) deixou a memória de um diretor justo e amável, adquirindo a simpatia dos moradores e a admiração dos colegas de profissão. Um episódio digno de nota, contada por Humberto Nóbrega e transcrita por Magalhães Junior em sua biografia sobre o poeta, revê-lhe o caráter como diretor. Conta-se que um dos alunos mais indisciplinados do Grupo foi levado à presença do diretor, dos Anjos repreendia-o carinhosamente quando uma das funcionárias do Ginásio adentra o recinto em que se encontram. Ao vê-los, assim, tão mansamente palestrando, exclama:

‘Dr. Augusto, assim não vai. Esses meninos precisam de arrancos. Eles zombam de nós’ Augusto dos Anjos fez sair o Aluno relapso, e depois com aquela doçura e modo de falar que lhe eram peculiares, disse a professora: ‘Dona Brígida, se fora preciso mais do que palavras para manter minha autoridade, pediria demissão.’ (JUNIOR, 1978, p.289)

No curto período em que residiu em Leopoldina, publicou o poema *Guerra*, inspirado na repercussão sobre a 1^o grande guerra estampada nas primeiras páginas de quase todos os jornais.

Em fins de outubro, depois de comparecer ao enterro de um dos patriarcas de Leopoldina, Augusto, que já estava resfriado, piorou. A partir daí seu estado de saúde só se agravaria. O resfriado evoluiria para uma pneumonia que o mataria em menos de um mês. Durante a doença, o poeta compôs alguns sonetos que viriam a ser publicados postumamente pela *Gazeta de Leopoldina*. Seu último poema, intitulado *O último número*, foi ditado ao farmacêutico e amigo João Teixeira de Moura Guimarães, pois já faltavam-lhe as forças para escrevê-lo:

Hora da minha morte. Hirta, ao meu lado,
A idéia estertorava-se... No fundo
Do meu entendimento moribundo
Jazia o Último Número cansado.

Era de vê-lo, imóvel, resignado,
Tragicamente de si mesmo oriundo,
Fora da sucessão, estranho ao mundo,
Com o reflexo fúnebre do increado:

Bradei: - Que fazes ainda no meu crânio?
E o Último Número, atro e subterrâneo,
Parecia dizer-me: 'É tarde, amigo!

Pois que minha ontogênica grandeza
Nunca vibrou em tua língua presa,
Não te abandono mais! Morro contigo! p. 166

Augusto dos Anjos expirou na madrugada de 12 de novembro de 1914, aos vinte e nove anos de idade. Consta-se que, pouco antes de morrer o poeta mirou o próprio rosto (ardendo em febre) num espelho de bolso e exclamou: *Esta centelha não se apagará*. Estendendo a idéia do poeta, esta chama deveras não apagou-se, mas intensificou-se com o passar dos anos. A segunda edição do *Eu*, publicada e custeada por Órris Soares, em 1920, no qual fora acrescentado 48 poemas que não haviam sido incluídos na primeira edição, conquistou rapidamente o gosto do novo público. Desde então seu livro só tem ganhado mais prestígio e reconhecimento, causando, ainda hoje, acirradas discussões, e sendo lido e estudado sob os mais diversos prismas, psicológico, sociológico, biográfico, e mesmo aqueles cujas opiniões divergem acerca da poética augustiana concordam num ponto: Augusto dos Anjos é um poeta único.

Sua vida, embora curta, repleta de privações e constante declínio monetário; vida simples, sem grandes exageros e realizações, sem culminâncias de temperamento e de atitudes trágicas ou extremistas, vida de um homem casado que luta para manter mulher e filhos, é diferente do que imaginam aqueles que lêem sua obra sem estudar sua vida, e acreditam-no um desequilibrado, insano, incapaz de qualquer relação interpessoal extremamente misantropo e melancólico. Discrepância essa que deve acrescentar ainda mais valor a obra do

artista, hoje reconhecido como um dos maiores escritores da literatura brasileira. Sua profética máxima cumpriu-se e sua centelha deveras não se apagou, alastrando-se na imaginação e na sensibilidade daqueles que os lêem.

3. ANÁLISE DE *MONÓLOGO DE UMA SOMBRA*

3.1 A SOMBRA DA HUMANIDADE

Esta análise procurará averiguar, de modo geral, como se dá o processo poético de assimilação literária do cientificismo na poesia de Augusto dos Anjos, e, mais especificamente, como o cientificismo pode levar ao grotesco, de que modo a fisicalidade das imagens é construída e como a materialidade cientificista gera valores estéticos na poética augustiana.

Antes de iniciar uma análise do poema, é necessário que se faça uma breve explanação acerca dele, seus planos de expressão e conteúdo, e um levantamento geral das informações e conceitos imprescindíveis à compreensão do texto.

Monólogo de uma sombra é o poema que abre o livro de Augusto dos Anjos. Seus cento e oitenta e seis versos decassílabos, organizados em trinta e uma estrofes, parecessem ser uma espécie de manifesto da poética augustiana, como um aviso revelando o que o leitor encontrará no bojo da obra, um prenúncio daquilo que está na essência do *Eu*.

A idéia de que este poema seria uma espécie de manifesto já foi afirmada por alguns críticos de Augusto dos Anjos, inclusive um seu contemporâneo já mencionado neste trabalho. Osório Duque Estrada, um dos primeiros a fazer uma crítica à obra de dos Anjos afirmava que “No *Monólogo de uma Sombra*, peça inicial que é uma espécie de *manifesto* ou de *programa* do autor.” (BARROS, Eudes. 1974. P.21)

De fato, o poema parece defender toda a temática poética que será abordada no livro: a podridão da carne, e pessimismo perante a vida, a linguagem cientificista formam o universo poético do autor. A abundância de termos cientificistas, o vocabulário abstruso, a força estética das rimas, as imagens, ora quase microscopicamente restritas a um microorganismo celular, ora pretendendo abarcar todo o universo, contribuem para criação estética: as sensações e emoções geradas pela leitura do texto.

Primeiramente é necessário dizer que o eu lírico do texto é uma sombra, é ela que fala em boa parte do poema, especulando essencialmente sobre a existência humana e sua condição, sua consciência filosófica e metafísica, que torna o homem um ser único dentre os seres, porém, se lhe torna errática e inútil perante a lógica implacável da ciência, que o reduz a um aglomerado de carne perecível, e, por final, a arte, que, segundo a sombra, é o único método capaz de abranger a complexidade humana e de entender sua mágoa.

Na maior parte do texto é a sombra quem fala, pronunciando-se eterna e onipresente, oriunda de antigas eras e do que há de mais substancial em todas as substâncias.

Sou uma sombra! Venho de outras eras
Do cosmopolitismo das moneras...
Pólipo de recônditas reentrâncias,
Larva de caos telúrico, procedo
Da escuridão do cósmico segredo,
Da substância de todas as substâncias! p. 31

Vale atentar-se desde o princípio, para simbologia da imagem da sombra, que adquiri diferentes significados em diferentes culturas e épocas. Segundo o budismo, sistema religioso do qual dos Anjos absorve algumas idéias, a sombra é, categoricamente, "...a única realidade dos fenômenos...". Nesse sentido, pode-se dizer que a sombra é o resultado da existência da matéria, é a projeção de tudo o que existe, uma vez que tudo que fisicamente existe é acompanhado de sua sombra. Além desse, pode-se perscrutar outros sentidos que a palavra acarreta, como a sombra sendo algo obscuro, misterioso, fantasmagórico, aquilo que se opõe à luz, ao visível, entendendo-se luz com a sua significação mais abrangente, como símbolo de divindade, vida, salvação.

Tendo em vista que toda sombra está unida à matéria da qual resulta, pode-se afirmar que a dona desta sombra é a própria espécie humana, que aquela, acompanhando esta durante as eras, vem assistindo seus erros e

desenganos. Tal idéia deixa-se transparecer no poema, no trecho em que a sombra diz olhar para a alma de sua raça e enxergar nela uma inclinação à desgraça, à infelicidade, ao infortúnio.

Tal qual quem para o próprio túmulo olha

Amarguradamente se me antolha

(...)

Na alma crepuscular de minha raça

Como uma vocação para a desgraça

E um tropismo ancestral para o infortúnio. p. 32

A alma da raça, segundo o eu lírico do poema, é uma alma crepuscular, não se trata de uma alma luminosa ou que caminha para a luz ou ainda uma alma que busca uma ascensão transcendental, é uma alma que cai para a noite, que ruma para a escuridão do crepúsculo. É uma alma que inevitavelmente está envolvida pela desgraça, atraída pelo infortúnio. Vale à pena ressaltar que, na poesia de Augusto dos Anjos, a palavra “alma” está carregada de outros valores que não os cristão, está antes mais ligada a idéia de essência, a uma substância sensível do ser, do que seu valor religioso comum, cristão. Quando se trata de religiosidade, a poesia augustiana está mais próxima do Budismo do que do Cristianismo, como se verificará com mais profundidade no decorrer desta análise.

Nos primeiros versos do poema, onde lê-se “Sou uma sombra! venho de outras eras/ Do cosmopolitismo das moneras...” depara-se com uma típica característica da poética de Augusto dos Anjos, presente em toda sua obra, os termos cientificistas em harmonia com conceitos filosóficos. Sabe-se que *cosmopolitismo* é uma doutrina filosófica que pretende extinguir os limites de pátria ou nação, e prega que a pátria do homem é o cosmo, o universo. A teoria monística ensina que a monera, substância que sustenta a teoria do monismo de Haeckel, como já foi visto, é um tipo de célula rudimentar que coexiste em todos os tipos de ambiente, seja terrestre aéreo ou aquático, desde os primórdios dos

seres vivos. A compreensão da leitura dos versos expande sua dimensão: a sombra, oriunda desta monera cosmopolita, através de um prisma científico, proclamando-se universal e onipresente desde a origem do primeiro ser vivo.

Na segunda estrofe do poema lê-se:

A simbiose das coisas me equilibra
Em minha ignota mônada, ampla, vibra,
A alma dos movimentos rotatórios...
E é de mim que decorrem, simultâneas,
A saúde das forças subterrâneas
E a morbidez dos seres ilusórios! p. 31

Neste trecho depara-se com o princípio da Monadologia criada por Leibniz. Como já foi visto anteriormente, uma mônada seria uma substância simples que compõe tudo que é orgânico, espécie de átomo da natureza. E a mônada seria a molécula responsável por tudo que se sente. Conforme a teoria, todas as sensações e emoções sentidas seriam oriundas dos processos intra-moleculares produzidos pelas mônadas. Dos Anjos, nos versos acima, assimila a teoria leibniana e a transpõe em versos. Ao dizer que é na mônada que a alma existe, ampla, vibrante, eterna como a mônada e a própria existência da sombra, o poeta imprime aos versos uma teoria cientificista arrojada numa linguagem poética. Percebe-se, assim, que o poeta não deturpa as idéias cientificistas ao compor o poema, mas as assimila e as utiliza como ferramenta para a criação estética.

Na terceira estrofe, lê-se uns versos que retomam a idéia de eternidade da sombra. Pairando sobre os tetos das casas a sombra diz não conhecer a decrepitude, não sabe o que é envelhecer, e diz ser a velhice uma espécie de doença que mata os seres sem utilizar-se de qualquer tipo de vírus, comparando-a a uma sanguessuga, que extrai a juventude do corpo, provocando o aparecimento das rugas, a miséria da carne.

Pairando acima dos mundanos tectos,

Não conheço o acidente da *Senectus*
- Esta universitária sanguessuga
Que produz, sem dispêndio algum de vírus,
O amarelecimento dos papiros
E a miséria anatômica da ruga! p.31

Observa-se que, *senectus*, termo latim usado para designar velhice, decrepitude, está personificada. As personificações criadas por dos Anjos são aplicadas geralmente a palavras de valor semântico que tendem para a infelicidade, a fisicalidade, ao mistério. Em geral essas palavras se relacionam com morte, dor, melancolia, destruição temas que são o fulcro da poesia de dos Anjos e que lhe dá, muitas vezes, uma feição grotesca, disforme e repulsivo como será visto com mais profundidade no decorrer da análise. Neste caso, a personificação dá à palavra *senectus* a condição de um ser, uma entidade que vaga no solo mundano produzindo as rugas e a podridão das coisas e dos seres. Trata-se, portanto, duma entidade assassina que destrói a humanidade, degenerando-lhe, apodrecendo-lhe, envelhecendo-lhe.

Na quarta estrofe do poema lê-se:

Na existência social, possuo uma arma
- o metafisicismo de Abidarma –
E trago, sem bramânicas tesouras,
Como um dorso de azêmola passiva,
A solidariedade subjetiva
De todas as espécies sofredoras. p. 31

Nesta estrofe surge um elemento razoavelmente comum à poesia de Augusto dos Anjos: a referência religiosa. O *metafisicismo de Abidarma* refere-se a um dos sete textos que compõe o *Sarvastivada*, livro que contém vários preceitos da filosofia budista. E que prega a existência dos *darmas* (fenômenos, no sentido mais amplo) no passado, no presente e no futuro. Ou seja, todos os

fenômenos são eternos. Relacionando essa idéia com a sombra-lírica do texto tem-se, mais uma vez a auto-proclamação da eternidade da sombra, que já havia sido feita pelo prisma científico na segunda estrofe através dos princípios da Monadologia, e, agora, é reafirmada sobre o prisma budista.

No terceiro verso desta estrofe encontra-se também uma referência ao hinduísmo. As “bramânicas tesouras” mencionadas no texto se referem à casta brâmane da religião hindu. Dentro da hierarquia hinduísta o brâmane está no topo, ele pertence à casta sacerdotal e é responsável pela execução dos ritos. É comum encontrar no *Eu*, referências ao budismo, ao hinduísmo, em perfeito equilíbrio com idéias científicas como o monismo ou o transformismo biológico. Verifica-se, assim, mais uma vez, como o cientificismo não se torna um fator contraditório na poesia augustiana, ao contrário, a ciência está atrelada, unida, aliada a outros elementos cruciais da poética de dos Anjos como budismo e o hinduísmo, e todos esses elementos agem em conjunto para a criação estética do texto, ou seja, contribuem para incitar as sensações e sentimentos que emanam dos versos.

A condição humana, sob o prisma da poesia augustiana, passa pelo crivo da ciência. Que afirma ser o homem um aglomerado de carne, sangue e ossos: organismo fadado a degeneração material. Em quase toda a obra, quando se descreve ou se cria a imagem da matéria humana, esta imagem assumindo uma inclinação dantesca por conta da fisicalidade com a qual é descrita, totalmente desprovida de adereços e ornamentos que a embelezem, é antes despida dessa roupagem que esconde a sua feiúra física. A abundância de termos biológicos, a terminologia extremamente científicista com a qual é construída, trás a tona a materialidade da carne: as vísceras, as moléculas, os órgãos em decomposição, a podridão do corpo que constitui o homem, formam um quadro onde se pinta a podridão humana, sem eufemismos ou adereços que minimizem o seu impacto, de modo que a condição do homem está restrita a sua existência física, a sua condição carnal, a inevitabilidade da morte e da desintegração material. Bem como as imagens poéticas que ilustram o poema refletem a essa condição física da existência. Conclui-se assim, que é a extrema fisicalidade das imagens que dá à poesia de Augusto dos Anjos um caráter grotesco, repulsivo, e é a descrição

biológica e científica que constitui a fisicalidade dessas imagens. Encontra-se exemplo do gênero no poema quando se lê, na quinta estrofe:

Com um pouco de saliva cotidiana
Mostro meu nojo a Natureza Humana.
A podridão me serve de Evangelho...
Amo o esterco, os resíduos ruins dos quiosques
E o animal inferior que urra nos bosques
É com certeza meu irmão mais velho! p. 31, 32

No trecho acima percebe-se que a criação do grotesco se dá pela associação de idéias repulsivas, numa terminologia um tanto escatológica e mais uma vez, por conta da fisicalidade dos termos como *saliva*, *podridão*, *esterco* que compõe os *resíduos ruins* e que provocam o asco, o *nojo*. Esta visão grotesca da natureza humana se intensifica no decorrer do texto. A partir da sétima estrofe faz-se uma explanação sobre o filósofo moderno que irá desde a sua condição orgânica a sua funcionalidade filosófica.

Neste sentido, um ponto digno de atenção quando se estuda a condição humana na poesia de Augusto dos Anjos, é a importância dada à consciência filosófica e metafísica. Para ele, a ciência, mesmo sendo a ferramenta imprescindível para se estudar o homem, não consegue abranger toda sua complexidade. A filosofia e a metafísica também contribuem para uma compreensão mais assertiva. No que se refere à parte filosófica, há muita influência do pensamento shopenhaueriano. E tendo em vista que o filósofo é aquele que adentra o pensamento humano, estuda suas propriedades, busca a origem do comportamento (social ou individual), procurando entendê-lo e explicá-lo: o filósofo é responsável pela escrutinação da consciência e da inconsciência humana.

No poema *Monólogo de uma sombra*, a imagem do filósofo aparece na seguinte estrofe:

Aí vem sujo, a roçar chagas plebéias,
Trazendo no deserto das idéias
O desespero endêmico do inferno,
Com a cara hirta, tatuada de fuligens
Esse mineiro doido das origens,
Que se chama o Filósofo Moderno! p. 32

O filósofo é um mineiro que penetra o âmbito das idéias para entender-se. Essa metáfora ganha maiores proporções se a explora-se com profundidade: sabendo-se que o mineiro é aquele que penetra a escuridão das minas, avança em suas profundezas para extrair de lá a rara e preciosa pedra. O filósofo faz um processo semelhante, penetra a camada consciente do pensamento, aprofunda-se, vasculha suas propriedades, sonda suas possibilidades e aplicações, porém, diferentemente do mineiro, não traz de lá nenhuma preciosidade, pois tudo que pôde compreender foi a consciência trágica e inevitável da morte, à que todas as coisas se reduzem, e que torna toda busca vã e inútil.

Quis compreender, quebrando estéreis normas,
A vida fenomênica das Formas,
(...)
E apenas encontrou na idéia gasta,
O horror dessa mecânica nefasta,
A que todas as cousas se reduzem! p.32

Assim, o filósofo, que busca entender a consciência humana, conclui que o envelhecimento, a degeneração, essa *mecânica nefasta* que se apossa do corpo que definha, a morte, enfim, a qual todas as coisas se reduzem, é a única finalidade da existência. Também ele, o filósofo, sucumbirá a esta finalidade, e não escapará a implacabilidade dos estames. Contudo, ele viverá sobre outra forma e depois de estar a *energia intra-atômica liberta*, como é afirmado na décima estrofe ele ainda existirá na forma de calor, raio X, magnetismo.

Mas ele viverá, rotos os liames
Dessa estranguladora lei que aperta
Todos os agregados perecíveis,
Nas esterilizações indefiníveis
Da energia intra-atômica liberta

Será calor, causa ubíqua do gozo,
Raio X, magnetismo misterioso,
Quimiotaxia, ondulação aérea, p. 33

É evidente no trecho acima a aplicação das teorias do transformismo biológico, a teoria segundo a qual nenhuma matéria se acaba, mas transforma-se em outra, tornando-se um novo tipo de energia num novo estado, nos versos em questão, calor, magnetismo. Desde modo pode-se verificar novamente como o cientificismo literário se dá na poesia de Augusto dos Anjos: através da assimilação da ciência a fim de produzir um efeito estético ao se trabalhar um tema poético, no caso, a morte, tema que continua em foco na estrofe seguinte em que se questiona o que fora, em essência, o filósofo:

E o que ele foi: clavícula, abdômen,
O coração, a boca, em síntese, o Homem.
- Engrenagem de vísceras vulgares –
Os dedos carregados de peçonha,
Tudo coube na lógica medonha
Dos apodrecimentos musculares! P. 33

Na estrofe acima a imagem do filósofo é gerada pela nomeação sucessiva das partes anatômicas que compõem o que ele fora, uma *engrenagem de vísceras vulgares*. Têm um conceito puramente material do que é a existência, vale frisar que a descrição do homem é totalmente desprovida de qualquer

adereço que lhe dê uma substância metafísica que atribua à morte algum valor transcendental. O mórbido quadro se estende para as os estrofes seguintes, onde se lê.

A desarrumação dos intestinos
Assombra! Vêde-a! Os versos assassinos
Dentro daquela massa que o húmus come,
Numa glutoneria hedionda, brincam,
Como as cadelas que as dentuças trincam
No espasmo fisiológico da fome.

É uma trágica festa emocionante!
A bacteriologia inventariante:
Toma conta do corpo que apodrece...
E até os membros da família engulham,
Vendo as larvas malignas que se embrulham,
No cadáver malsão, fazendo um s. p. 33

Trata-se de uma imagem implacável e crua do cadáver, que não pretende reduzir o seu impacto ou envolvê-lo numa espiritual, ao contrário, quer antes revelar a sua podridão, evidenciar o trabalho dos vermes, intensificar a imagem fisiológica da morte. É essa agressividade dos vocábulos, dos termos biológicos, a sua descrição exclusivamente material que dá forma a fisicalidade das imagens, dando origem, assim, ao seu caráter grotesco.

A finalização do trecho do poema cujo foco é o filósofo acaba com a inexorável dedução da morte com sendo a única finalidade da vida.

E foi então para isto que esse doudo
Estragou o vibrátil plasma todo
À guisa de um faquir, pelos cenóbios?!...

Num suicídio graduado, consumir-se,
E após tantas vigílias, reduzir-se
À herança miserável dos micróbios.

Todo o conhecimento, todo o estudo, todo o trabalho ao qual o homem dedicou toda uma vida não foi capaz de salvá-lo da lógica implacável da morte.

A partir deste ponto do poema o eu lírico, a sombra que discursa durante quase todo o texto, passa a analisar o *sátiro peralta*, o homem que, ao contrário do filósofo, que dedica sua vida a busca do conhecimento e domínio da consciência, aquele dedica sua vida a busca da sexualidade e do prazer.

A primeira estrofe em que se focaliza este peralta promíscuo começa nos seguintes termos:

Estoutro é o sátiro peralta
Que o sensualismo sodomista exalta,
Nutrindo sua infâmia a leite e a trigo
Como que, em suas células vilíssimas,
Há estratificações requintadíssimas
De uma animalidade sem castigo. p. 34

Essa mudança de foco que vai do filósofo ao sátiro deve ser entendida como uma tentativa de aplicar a mesma lógica da morte, da dor de existir, tanto àquele que trabalha com afinco quanto àquele que se entrega a promiscuidade. Como será visto, o sátiro, que dedica sua existência aos prazeres carnavais, tem sua consciência perturbada. Na estrofe acima se percebe, de uma maneira ainda tênue uma questão que será abordada no decorrer dos versos: a sexualidade animalizada. O sexo é visto como uma força animal no homem, instinto irreprimível que o faz mergulhar no vício e na carne. Ao dizer que o sensualismo que este sátiro exalta, que essa animalidade está *em suas células vilíssimas*, o eu lírico não está afirmando outra coisa senão que é nas células, nas moléculas que compõem a carne que o desejo animal pelo sexo se situa.

Na estrofe seguinte esta sexualidade é examinada de uma forma ainda mais animalesca.

Branças bacantes bêbadas o beijam,
Suas artérias hírcicas latejam,
Sentindo o odor das carnações abstêmias,
E à noite vai gozar, ébrio de vício,
No sombrio bazar do meretrício,
O cuspo afrodisíaco das fêmeas.

No horror de sua anômala nevrose,
Toda a sensualidade da simbiose,
Uivando, á noite, em lúbricos arroubos,
Como no babilônico *sansara*,
Lembra a fome incoercível que escancara
A mucosa carnívora dos lobos.

Sôfrego, o monstro as vítimas aguarda.
Negra paixão congênita, bastarda,
Do seu zooplasma ofídico resulta...
E explode, igual á luz que o ar acomete,
Com a veemência mavórtica do aríete
E os arremessos de uma catapulta. p. 34

Nos referidos versos pode-se observar a visão científica e biológica dada ao desejo carnal. O Determinismo, teoria científicista que tende a aproximar os homens dos animais, como fora visto, deixa-se transparecer nos trechos em que em que o sátiro é incitado pelo *odor das carnações* a ir buscar o cuspo afrodisíaco das *fêmeas*, nomeando a figura feminina da meretriz por rubrica biológica (fêmea), mesmo ao falar do ato sexual, o poeta usa a terminologia científica como

em: *sensualidade da simbiose, paixão congênita, zooplasma ofídico*, todos os estímulos e reações químicas que acometem o corpo incitado pelo sexo são descrito sob a ótica científica, mesmo ao discorrer sobre o sensualismo este não é descrito de maneira sensual, é antes um sensualismo exótico, biológico, manifestação carnal desprovida da habitual beleza erótica, estimulante, é antes um sensualismo com inclinações para o grotesco, percebe-se este fato nos versos em que se diz que o sátiro é *sôfrego* pelo *cuspo afrodisíaco* das fêmeas, que o ato sexual se dá no *horror de sua anômala nevrose*, mesmo na comparação animal entre este e o lobo, quando se diz que o sátiro *uivando, à noite (...)* lembra a *mucosa carnívora dos lobos* e que este *monstro* aguarda suas *vítimas* com uma *veemência mavórtica* para atacá-las. A imagem não se reveste de qualquer conotação sensual ou erótica, suas comparações e associações pendem para uma visão mais burlesca do ato sexual, bem como os termos utilizados pendem para a fisicalidade biológica do homem e da mulher.

Assim a animalização do sexo é fulcro destas estrofes e tem como objetivo evidenciar a promiscuidade da busca pelo prazer que o sátiro executa, contudo, esta animalidade acaba perturbando-lhe e a consciência e sendo fonte de suas angústias internas. Nas estrofes seguintes passa-se a perceber a consciência deste sátiro e razões patológicas que a perturbam.

Mas muitas vezes, quando a noite avança,
Hirto, observa através a tênue trança
Dos filamentos fluídicos de um halo
A destra descamada de um duende,
Que tateando nas tenebras, se estende
Dentro da noite má, para agarrá-lo!

Cresce-lhe a intracefálica tortura,
E de su'alma na caverna escura,
Fazendo ultra-epiléticos esforços,

Acorda, com os candeeiros apagados,
Numa coreografia de danados,
A família alarmada dos remorsos.

É o despertar de um povo subterrâneo!
E a fauna cavernícola do crânio
- Macbeths da patológica vigília,
Mostrando, em rembrantescas telas várias,
As incestuosidades sanguíneas
Que ele tem praticado na família. p. 34, 35

Nas estrofes acima passa-se a descrever a feição psicológica deste sátiro. Trata-se de uma consciência perturbada pelos remorsos, que o fazem acordar no meio da noite, crendo ver duendes, e ele sente-se torturado pelo peso de seus atos ao afirmar que *cresce-lhe a intracefálica tortura* acordando a *família alarmada dos remorsos* pode-se deduzir a vida promíscua que o sátiro leva, regada a sodomias, meretrizes, incestos causa-lhe um profundo peso na consciência, provocando-lhe alucinações, desespero, culpa. Essa dedução se torna ainda mais clara por conta da referência feita a Macbeth, personagem de uma das peças de Shakespeare, que, depois de cometer vários crimes para assumir o trono da Escócia, passa a ser perseguido pelos fantasmas de suas vítimas, ficando cada vez mais irritado e cruel. Ao dizer que os remorsos que assombram este sátiro são os Macbeths de sua vigília, das incestuosidades que ele tem praticado, essa dedução se torna irrefutável. Contudo, vale à pena ressaltar porque estes remorsos vêm à tona, uma vez que os desejos do sátiro estão saciados, seu instinto animal nutrido e ele concretiza sua busca por prazer.

As estrofes a seguir começam a escutar a consciência deste sátiro, nelas pode-se desvendar o porquê das alucinações e remorsos.

As alucinações tácteis pululam.

Sente que megatérios o estrangulam...
A asa negra das moscas o horroriza;
E autopsiando a amaríssima existência
Encontra um cancro assíduo na consciência
E três manchas de sangue na camisa!
Míngua-se o combustível da lanterna
E a consciência do sátiro se inferna,
Reconhecendo, bêbedo de sono,
Na própria ânsia dionísica do gozo,
Essa necessidade de horroroso,
Que é talvez propriedade do carbono!

Ah! Dentro de toda a alma existe a prova
De que a dor como um darto se renova,
Quando o prazer barbaramente a ataca...
Assim também, observa a ciência crua,
Dentro da elipse ignívoma da lua
A realidade de urna esfera opaca. p. 35, 36

Neste trecho pode-se perceber que a consciência deste sátiro é perturbada não apenas pela conseqüência dos atos que ele tem praticado e pelos remorsos que o acometem, mas também porque o desejo incoercível pelas carnações sexuais esta na carne, nas células, nas formações anatômicas, no zooplasma, na sua animalidade. Assim, conclui-se que o desejo está na anatomia animal do sátiro, não na sua consciência, por isso o sátiro sente-se torturado internamente, porque a satisfação carnal provoca-lhe um enorme peso na consciência. Ao dizer que o sátiro, ao fazer uma autopsia na consciência, *encontra um cancro assíduo na consciência, e três manchas de sangue na camisa* percebe-se com mais clareza que não se trata de um desejo consciente, racional, praticado com pleno

conhecimento e controle pelo sátiro, mas sim um impulso incontido que lhe causa um enorme pesar. Vale frisar também, que a busca incessante pelo prazer que impulsiona o sátiro seja talvez uma tentativa de aplacar a dor de existir que ele sente, contudo, nem toda vez que essa dor é anestesiada com algumas doses de prazer, ele se renova e volta-lhe não como uma dor física, mas uma dor na consciência. Tal idéia deixa-se perceber nas estrofes em que se lê “Ah! Dentro de toda alma existe a prova/ De que a dor como um dardo se renova/ Quando o prazer barbaramente a ataca...”.

Assim, depois de discursar sobre a dor humana de existir, sobre a morte e a vida, sobre o a agonia do filósofo e dos remorsos do peralta, a sombra finaliza o seu monólogo afirmando que somente a arte serve de algum consolo para a existência. Nas três estrofes a seguir observa-se tal idéia servindo de conclusão para a sombra.

Somente a Arte, esculpindo a humana mágoa,

Abranda as rochas rígidas, torna água

Todo o fogo telúrico profundo

E reduz, sem que, entanto, a desintegre,

À condição de uma planície alegre,

A aspereza orográfica do mundo!

Provo desta maneira ao mundo odiento

Pelas grandes razões do sentimento,

Sem os métodos da abstrusa ciência fria

E os trovões gritadores da dialética,

Que a mais alta expressão da dor estética

Consiste essencialmente na alegria.

Continua o martírio das criaturas:

- O homicídio nas vielas mais escuras,
- O ferido que a hostil gleba atra escarva,
- O último solilóquio dos suicidas –

E eu sinto a dor de todas essas vidas

Em minha vida anônima de larva! p.36

A sombra finaliza seu monólogo proclamando que somente a arte é capaz de compreender o homem, esculpir sua mágoa, dar alívio ao seu sofrimento, tornando a existência um pouco menos sofrível. Que somente a arte pode transfigurar a aspereza do mundo numa planície alegre. Diz provar que a mais alta expressão da dor consiste essencialmente na alegria. Ora, através da análise torna-se visível que a alegria é uma forma de camuflar a dor inerente ao homem, a antítese deve ser lida como uma síntese da análise. Conclui ainda que a dor e os martírios humanos continuarão na forma dos homicídios nas vielas, no ferido largado a esmo nas glebas, no solilóquio dos suicidas, e que ela, a sombra, continuará a sentir os martírios da humanidade em sua vida eterna, onipresente e anônima de larva.

As três estrofes restantes servem como uma espécie de reflexão acerca do monólogo proferido pela sombra, trata-se de um novo eu lírico, que julga ter ouvido este monólogo na noite turva e sente que o conhecimento de tais afirmações o inquietará durante toda a vida.

Disse isto a Sombra. E, ouvindo estes vocábulos,

Da luz da lua aos pálidos venábulos,

Na ânsia de um nervosíssimo entusiasmo,

Julgava ouvir monótonas corujas,

Executando, entre caveiras sujas,

A orquestra arrepiadora do sarcasmo!

Era a elégia panteísta do Universo,

Na podridão do sangue humano imerso,
Prostituído talvez, em suas bases...
Era a canção da Natureza exausta,
Chorando e rindo na ironia infausta
Da incoerência infernal daquelas frases.

E o turbilhão de tais fonemas acres
Trovejando grandiloquos massacres,
Há-de ferir-me as auditivas portas,
Até que minha efêmera cabeça
Reverta á quietação da treva espessa
E à palidez das fotosferas mortas? p. 35, 36

Este eu lírico ser a sombra é a voz da natureza, entendendo-se natureza no seu sentido mais amplo, incluindo toda fauna, flora, mesmo a raça humana nela contida, parte constituinte da natureza como um todo. Diz ainda que as palavras ouvidas os fonemas proferidos tão rispidamente hão de inquietar a sua *efêmera cabeça* até que esta se reverta, através das transformações bioquímicas a uma fotosfera morta. Ou seja, até que a luz do sol se acabe.

Em suma o poema *Monólogo de uma sombra* pode ser entendido como um manifesto da poética augustiana, pois, Obviamente não à toa que este é o poema de abertura do *Eu*, encontra-se nestes versos uma síntese de tudo que será visto no decorrer de todo o livro, por tratar de uma maneira bem característica sobre os temas mais significantes de sua obra: morte, dor, sofrimento, fim material da carne, putrefação, desesperança, desespero, melancolia, sob uma linguagem finamente acabada, onde se alia os termos científicos as emoções inerentes ao texto, por tratar de temas grotescos, muitas vezes considerados *anti-poéticos*, a construção das imagens muitas vezes pendente para o repulsivo, pela concisa assimilação literária do cientificismo. Trata-se, finalmente, de um poema em que se analisa a existência humana de uma maneira crua, implacável, sem falsos

caprichos, ornamentos artificiais que vedam a materialidade de existir, sem deixar de ser coerente, contudo, com os princípios típicos da poesia, de incitação estética, de uso criativo da imaginação numa linguagem capaz de promover singulares emoções no leitor, e, neste sentido, porque não dizer, que *Monólogo de uma sombra* é um poema de sublime beleza.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluir este trabalho implica em resgatar todo um repertório de ideias apresentadas, bem como afirmações e reflexões executadas no decorrer do mesmo. Primeiro faz-se necessário afirmar que toda produção poética de dos Anjos é resultado de um profundo estudo acerca de todo um aparato filosófico-científico que ele tinha disponível a época, convém também afirmar que sua singularidade não se deve apenas a aplicação desses estudos em versos, mas sim ao talento próprio do artista, que foi capaz de transformar todo este material em poesia, que foi capaz de vazar todo o Monismo de Haeckel, o Evolucionismo de Darwin, o Positivismo de Comte num pequeno livro de versos, aliando-os a uma visão pessimista da vida, sem, no entanto, anular suas hipóteses científica, uma vez que toda essa ótica científica tem um cunho otimista, pois acreditava-se que dominando os sistemas biológicos, materiais e sociais o homem evoluiria, pois assim ele teria consciência total de seus atos, sejam eles instintivos ou racionais, porém, para a visão augustiana de mundo se o homem tem consciência total de suas ações, tanto pior para ele, pois isto lhe será mais um motivo de angústia.

No poema *Monólogo de uma Sombra* verificou-se que a sede pelo saber representada na figura do filósofo, na tentativa de dar algum sentido à existência, à sua dor de existir, não lhe servira para outra coisa senão para atormentá-lo ainda mais a consciência, pois tudo que se há para saber é que a morte é única finalidade dos seres, que a carne, os ossos, o sangue, toda uma vida que outrora respirara, amara e sentira, servirá unicamente de manjar aos vermes, esta é a conclusão existencial que a ciência lhe pode oferecer. Assim, o filósofo, almejando magnificência intelectual, sucumbe à *mecânica nefasta a que todas as coisas se reduzem*.

Verifica-se também na figura do sátiro uma consciência perturbada por seus atos, uma vez que este, sucumbindo ao seu desejo animal, mergulhando na promiscuidade, no vício e no crime, procurando aplacar sua dor de existir, acaba atormentado pelo peso na consciência, afligido por alucinações dantescas onde *megatérios o estrangulam* e em mórbidos cenários vê estendendo-se diante de si

a mão *destra descarnada de um duende* para agarrá-lo, é desta maneira que a *consciência do sátiro se inferna* e ele descobre que sua busca por prazer só serviu para ampliar-lhe ainda mais a dor de existir e atormentar-lhe mais ainda a consciência.

A partir destas reflexões conclui-se que a visão existencial de Augusto dos Anjos é de caráter extremamente pessimista. Mesmo aquele que visa exaltar seu lado racional, como o filósofo, quanto aquele que busca o prazer a todo custo, o sátiro, tem a mesma finalidade: a dor e a morte.

Para produzir uma poesia que fosse capaz de corresponder à complexidade de tais idéias e abarcar essa filosofia de vida, dos Anjos serviu-se de uma infinidade de termos científicos e biológicos, teorias materialistas e filosóficas, bem como para criar a força estética dos versos o poeta recorreu-se a imagens grotesca, cruas, *anti-poéticas*, por vezes repulsivas e dantescas, sob uma ótica material que lhes imprimisse uma alta dose de fisicalidade, sem, no entanto, despojar-se dos vãos imagéticos inerentes a poesia, como vê-se através da figura dos megatérios e duendes noturnos.

Em suma, mais do que manifestações versadas de teorias científicas ou terminologias biológicas empregada em versos, a poesia de Augusto dos Anjos é uma tentativa de se compreender a existência material e essencial, trata-se de um grito poético que vem ecoando através das décadas, de geração a geração, intrigando, envolvendo e emocionando aqueles que tem coragem de lhe dar ouvidos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANJOS, Augusto dos. *Eu e outras poesias*. São Paulo: Martin Claret, 2005.

BANDEIRA, Manuel. *Augusto dos Anjos*. In: *Augusto dos Anjos textos críticos*. Coleção de literatura brasileira 10. Brasília – 1973

BARROS, Eudes. *A poesia de Augusto dos Anjos, Uma análise de Psicologia e Estilo*. Rio de Janeiro: Ouvidor, 1974.

CÂNDIDO, Antônio. *O estudo analítico do poema*. São Paulo: Humanitas, 2006.

COUTINHO, Afrânio; BRAYER, Sônia. *Augusto dos Anjos textos críticos*. Coleção de literatura brasileira 10. Brasília – 1973

ESCOBAR, José. *A Poesia científica de Augusto dos Anjos*. In: *Augusto dos Anjos textos críticos*. Coleção de literatura brasileira 10. Brasília – 1973

FREYRE, Gilberto. *Sobrados e Mucambos: decadência do patriarcado e desenvolvimento do urbano*. 15^o Ed. – São Paulo: Global, 2004.

GULLAR, Ferreira. *Augusto dos Anjos ou vida e morte nordestina*. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1976.

<http://www.joaquimcardozo.com/paginas/joaquim/depoimentos/poesia.htm> data: 28/11/08

<http://www.revista.agulha.nom.br/satiro01.html> data: 25/10/2010

JÚNIOR, Raimundo Magalhães. *Poesia e vida de Augusto dos Anjos*. 2^o Ed. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

MELO, Nobre de. *Augusto dos Anjos e as origens de sua arte poética*. Ed: José Olimpio: Rio de janeiro, 1942

NÓBREGA, Humberto. *Augusto dos Anjos e sua época*. – João pessoa: Universidade da Paraíba, 1962.

PAIXÃO, Fernando. *O que é poesia?* 3º Ed. São Paulo: Brasiliense, 1984.

PROENÇA, Ivan Cavalcanti. *Imagens obsessivas em Augusto dos Anjos*. in: Antologia poética. São Paulo: Publifolha, 1997.

RIBEIRO, João. *O que é positivismo?* 4º Ed. São Paulo: brasiliense, 2008.

SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão, tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. 2º Ed - São Paulo: Brailiense, 1985.

SHOPENHAUER, Arthur. *Parerga e Paraliponema*. 1º Ed. São Paulo: Abril, 1974. - Os pensadores. V. 31.

SOARES, Órris. *Elogio a Augusto dos Anjos*. In: Eu e outras poesias. São Paulo: Martin Claret, 2005.

TAVARES, Hênio. *Teoria literária*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1974.

ANEXO

MONÓLOGO DE UMA SOMBRA

"Sou uma Sombra! Venho de outras eras,
Do cosmopolitismo das moneras...
Pólipo de recônditas reentrâncias,
Larva de caos telúrico, procedo
Da escuridão do cósmico segredo,
Da substância de todas as substâncias!

A simbiose das coisas me equilibra.
Em minha ignota mônada, ampla, vibra
A alma dos movimentos rotatórios...
E é de mim que decorrem, simultâneas,
A saúde das forças subterrâneas
E a morbidez dos seres ilusórios!

Pairando acima dos mundanos tetos,
Não conheço o acidente da *Senectus*
- Esta universitária sanguessuga
Que produz, sem dispêndio algum de vírus,
O amarelecimento do papiros
E a miséria anatômica da ruga!

Na existência social, possuo uma arma
- O metafisicismo de Abidarma -
E trago, sem bramânicas tesouras,
Como um dorso de azêmola passiva,
A solidariedade subjetiva
De todas as espécies sofredoras.

Como um pouco de saliva quotidiana
Mostro meu nojo á Natureza Humana.
A podridão me serve de Evangelho...
Amo o esterco, os resíduos ruins dos quiosques

E o animal inferior que urra nos bosques
E com certeza meu irmão mais velho!

Tal qual quem para o próprio túmulo olha,
Amarguradamente se me antolha,
À luz do americano plenilúnio,
Na alma crepuscular de minha raça
Como urna vocação para a Desgraça
E um tropismo ancestral para o Infortúnio.

Aí vem sujo, a coçar chagas plebéias,
Trazendo no deserto das idéias
O desespero endêmico do inferno,
Com a cara hirta, tatuada de fuligens
Esse mineiro doido das origens,
Que se chama o Filósofo Moderno!

Quis compreender, quebrando estéreis normas,
A vida fenomênica das Formas,
Que, iguais a fogos passageiros, luzem...
E apenas encontrou na idéia gasta,
O horror dessa mecânica nefasta,
A que todas as coisas se reduzem!

E não de achá-lo, amanhã, bestas agrestes,
Sobre a esteira sarcófaga das pestes
A mostrar, já nos últimos momentos,
Como quem se submete a uma charqueada,
Ao clarão tropical da luz danada,
O espólio dos seus dedos peçonhentos.

Tal a finalidade dos estames!
Mas ele viverá, rotos os liames
Dessa estranguladora lei que aperta
Todos os agregados perecíveis,

Nas eterizações indefiníveis
Da energia intra-atômica liberta!

Será calor, causa ubíqua de gozo,
Raio X, magnetismo misterioso,
Quimiotaxia, ondulação aérea,
Fonte de repulsões e de prazeres,
Sonoridade potencial dos seres,
Estrangulada dentro da matéria!

E o que ele foi: clavículas, abdômen,
O coração, a boca, em síntese, o Homem,
- Engrenagem de vísceras vulgares -
Os dedos carregados de peçonha,
Tudo coube na lógica medonha
Dos apodrecimentos musculares!

A desarrumação dos intestinos
Assombra! Vede-a! Os vermes assassinos
Dentro daquela massa que o húmus come,
Numa glutoneria hedionda, brincam,
Como as cadelas que as dentuças trincam
No espasmo fisiológico da fome.

E unia trágica festa emocionante!
A bacteriologia inventariante
Toma conta do corpo que apodrece...
E até os membros da família engulham,
Vendo as larvas malignas que se embrulham
No cadáver malsão, fazendo um s.

E foi então para isto que esse doudo
Estragou o vibrátil plasma todo,
À guisa de um faquir, pelos cenóbios?!...
Num suicídio graduado, consumir-se,

E após tantas vigílias, reduzir-se
À herança miserável de micróbios!

Estoutro agora é o sátiro peralta
Que o sensualismo sodomista exalta,
Nutrindo sua infâmia a leite e a trigo...
Como que, em suas células vilíssimas,
Há estratificações requintadíssimas
De uma animalidade sem castigo.

Branças bacantes bêbedas o beijam.
Suas artérias hírcicas latejam,
Sentindo o odor das carnações abstêmias,
E á noite, vai gozar, ébrio de vício,
No sombrio bazar do meretrício,
O cuspo afrodisíaco das fêmeas.

No horror de sua anômala nevrose,
Toda a sensualidade da simbiose,
Uivando, á noite, em lúbricos arroubos,
Como no babilônico *sansara*,
Lembra a fome incoercível que escancara
A mucosa carnívora dos lobos.

Sôfrego, o monstro as vítimas aguarda.
Negra paixão congênita, bastarda,
Do seu zooplasma ofídico resulta...
E explode, igual á luz que o ar acomete,
Com a veemência mavórtica do aríete
E os arremessos de uma catapulta.

Mas muitas vezes, quando a noite avança,
Hirto, observa através a tênue trança
Dos filamentos fluídicos de um halo
A destra descamada de um duende,

Que tateando nas tenebras, se estende
Dentro da noite má, para agarrá-lo!

Cresce-lhe a intracefálica tortura,
E de sua alma na caverna escura,
Fazendo ultra-epiléticos esforços,
Acorda, com os candeeiros apagados,
Numa coreografia de danados,
A família alarmada dos remorsos.

É o despertar de um povo subterrâneo!
E a fauna cavernícola do crânio
- Macbetbs da patológica vigília,
Mostrando, em rembrantescas telas várias,
As incestuosidades sanguinárias
Que ele tem praticado na família.

As alucinações tácteis pululam.
Sente que megatérios o estrangulam...
A asa negra das moscas o horroriza;
E autopsiando a amaríssima existência
Encontra um cancro assíduo na consciência
E três manchas de sangue na camisa!

Míngua-se o combustível da lanterna
E a consciência do sátiro se inferna,
Reconhecendo, bêbedo de sono,
Na própria ânsia dionísica do gozo,
Essa necessidade de horroroso,
Que é talvez propriedade do carbono!

Ah! Dentro de toda a alma existe a prova
De que a dor como um darto se renova,
Quando o prazer barbaramente a ataca...
Assim também, observa a ciência crua,

Dentro da elipse ignívoma da lua
A realidade de urna esfera opaca.

Somente a Arte, esculpindo a humana mágoa,
Abranda as rochas rígidas, torna água
Todo o fogo telúrico profundo
E reduz, sem que, entanto, a desintegre,
À condição de uma planície alegre,
A aspereza orográfica do mundo!

Provo desta maneira ao mundo odiento
Pelas grandes razões do sentimento,
Sem os métodos da abstrusa ciência fria
E os trovões gritadores da dialética,
Que a mais alta expressão da dor estética
Consiste essencialmente na alegria.

Continua o martírio das criaturas:

- O homicídio nas velas mais escuras,
- O ferido que a hostil gleba atra escarva,
- O último solilóquio dos suicidas -

E eu sinto a dor de todas essas vidas
Em minha vida anônima de larva!"

Disse isto a Sombra. E, ouvindo estes vocábulos,
Da luz da lua aos pálidos venábulos,
Na ânsia de um nervosíssimo entusiasmo,
Julgava ouvir monótonas corujas,
Executando, entre caveiras sujas,
A orquestra arrepiadora do sarcasmo!

Era a elegia panteísta do Universo,
Na podridão do sangue humano imerso,
Prostituído talvez, em suas bases...
Era a canção da Natureza exausta,

Chorando e rindo na ironia infausta
Da incoerência infernal daquelas frases.

E o turbilhão de tais fonemas acres
Trovejando grandiloquos massacres,
Há-de ferir-me as auditivas portas,
Até que minha efêmera cabeça
Reverta á quietação da treva espessa
E à palidez das fotosferas mortas!